

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

Luciana Bohrer Mentz

**FUTEBOL DE MULHERES:  
a constituição do corpo, gênero e sexualidade nos discursos das atletas**

Porto Alegre  
2018

Luciana Bohrer Mentz

**FUTEBOL DE MULHERES:  
a constituição do corpo, gênero e sexualidade nos discursos das atletas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte da exigência para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Fabíola Rohden

Porto Alegre

2018

*“Ser mulher no futebol, como em qualquer  
outra coisa, é ter que provar todos os dias a  
tua qualidade.”*

*Jogadora Ananda*

## **Agradecimentos**

Esse trabalho não seria possível se as mulheres que jogam futebol não tivessem escolhido bravamente, ao longo da história, resistir às condições que lhe foram impostas apenas por serem mulheres. É por isso, que agradeço, principalmente, às atletas que se disponibilizaram abertamente a contribuir com essa pesquisa. Mas, principalmente, por me inspirarem enquanto mulheres que lutam pelo reconhecimento de seu trabalho.

Agradeço aos professores que tive ao longo do curso e me proporcionaram reflexões que constituíram a minha trajetória acadêmica. Em especial o professor Caleb Faria Alves que me auxiliou a dar início a essa pesquisa, ao professor Enio Passiani que, além de me acompanhar no grupo PET, me direcionou em certos momentos. À professora Ceres Gomes Victora, que me proporcionou discutir conceitos e perspectivas que foram essenciais para esse trabalho. Agradeço especialmente, à professora Fabiola Rohden que me acompanhou, auxiliou e ajudou a tornar possível um trabalho sobre mulheres que jogam futebol.

Aos meus colegas do Programa de Educação Tutorial Conexões Ciências Humanas que me acompanham desde praticamente o início da minha trajetória acadêmica e foram essenciais para que a Universidade se tornasse um local mais acolhedor.

Agradeço a minha família que me apoiou em todas as minhas escolhas e garantiram uma trajetória que me trouxe até aqui e que tornou incrivelmente especial o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço as minhas amigas Nane, Adri, Anna, Fernanda, Amanda, Nana, Lauren, Prit, que me fizeram sentir gigante quando me achava pequenina.

Agradeço também ao professor Arlei Sander Damo e à professora Ceres Gomes Victora por aceitarem prontamente fazer parte desta banca e tornarem esse momento de realização possível.

**Resumo:**

O presente trabalho aborda como jogadoras brasileiras identificam, percebem e utilizam seus corpos no processo de construção do gênero e da sexualidade no campo esportivo do futebol. Para isso, foram realizadas entrevistas com cinco jogadoras que atuam ou atuaram em algum momento de suas carreiras no futebol profissional. Através de conceitos, como o de Judith Butler sobre performatividade, foram analisados os discursos presentes nas narrativas das atletas sobre feminilidades, masculinidades e sexualidade. Apesar de seus discursos exporem a complexidade do tema, os depoimentos das jogadoras apresentaram possibilidades de performances femininas não hegemônicas e sexualidades alternativas no futebol de mulheres.

**Palavras chaves:** futebol feminino; corpo; gênero e sexualidade; feminilidade; masculinidade.

## Índice

<b>1</b>	<b>Produzindo um objeto de investigação: futebol de mulheres.....</b>	<b>7</b>
1.1	Minha pesquisa.....	9
1.2	Métodos de pesquisa.....	11
1.3	Por que o temo futebol de mulheres?.....	15
<b>2</b>	<b>Contextualização e referencial teórico.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>As narrativas das jogadoras de futebol.....</b>	<b>24</b>
3.1	Trajetória pessoal das atletas.....	25
3.2	O corpo como forma de desempenho atlético.....	27
3.3	A performatividade do corpo da mulher que joga futebol.....	32
3.4	Os conflitos entre gênero e sexualidade.....	37
3.5	Querendo reconhecimento e visibilidade.....	42
<b>4</b>	<b>Considerações finais.....</b>	<b>46</b>
	<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>49</b>
	<b>Anexo I.....</b>	<b>52</b>

## 1. Produzindo um objeto de investigação: futebol de mulheres

Em regulamento definido recentemente pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), os clubes de futebol que não apresentarem a formação de uma equipe feminina, até 2019, não poderão disputar a Copa Libertadores da América, principal competição do continente. Mesmo que os clubes já saibam dessa mudança, menos da metade das equipes que disputam a Série A na modalidade masculina, estão participando do Campeonato Brasileiro Feminino<sup>1</sup>. Esse dado pode dar a ideia de que o futebol feminino é um esporte recente no Brasil, no entanto, a presença das mulheres no futebol é simultânea ao início da prática da modalidade no país.

A inserção das mulheres no futebol acompanha o processo de construção e afirmação do discurso dominante sobre as relações de gênero. Esse discurso tem implicações no lugar que as mulheres devem ocupar na sociedade assim como a função que devem exercer. Maluff e Mott (1998) demonstram que os discursos que tentavam deslegitimar a introdução das mulheres em outras áreas sociais, nas primeiras décadas do século XX, eram sustentados por uma idealização da “natureza feminina” que determinava o papel social da mulher como de reprodutora, gerando e educando os filhos da pátria e futuros cidadãos. Desta forma, as realizações femininas se limitavam à esfera privada não fazendo sentido que ocupassem espaços públicos. Essa lógica correspondia ao que era pregado pela Igreja, legitimado pelo Estado e ensinado por setores da sociedade. Ou seja, as instituições sociais autenticavam a inflexibilidade dos papéis desempenhados pelas mulheres.

É apenas em 1983 que o *futebol de mulheres*<sup>2</sup> é regulamentado legalmente no país. A partir daí, as mulheres começaram a ocupar o espaço entendido como pertencente aos homens de forma mais predominante na sociedade. No entanto, a participação dessas mulheres no esporte é dificultada de diferentes formas nos dias de hoje. Como afirma Goellner, por exemplo:

Não há um calendário organizado de competições, poucos clubes investem em equipes femininas, os espaços de lazer como parques e praças são

---

<sup>1</sup>[https://www.torcedores.com/noticias/2018/03/times-serie-brasileiro-feminino-2018?enable-feature=new\\_layout](https://www.torcedores.com/noticias/2018/03/times-serie-brasileiro-feminino-2018?enable-feature=new_layout) (Acesso em 10/05/2018).

<sup>2</sup>A utilização do termo futebol de mulheres é inspirada na tese de doutorado de Claudia Kessler “*Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*” e será discutido mais adiante.

majoritariamente apropriados para meninos e homens, a educação física escolar pouco investe no futebol como um conteúdo a fazer parte da educação corporal de meninas e adolescentes. Tal cenário implica afirmar que as mulheres são sub-representadas no futebol brasileiro, têm pouca visibilidade e suas conquistas são simbolicamente anuladas porque são pouco comemoradas ou mesmo mencionadas na mídia, inclusive esportiva. Por exemplo, você sabia que a Copa do Brasil de Futebol Feminino acontece desde 2007 e já teve oito edições? Que o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino de 2013 teve 20 equipes participantes? Que a Copa Libertadores da América de Futebol Feminino acontece desde 2009 e todas as edições foram realizadas no Brasil? Que o Brasil possui duas medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos (Santo Domingo 2003 e Rio de Janeiro 2007) e uma de prata (Guadalajara 2011)? Que nossa seleção conquistou duas medalhas de prata nos Jogos Olímpicos (Atenas 2004 e Pequim 2008), o segundo lugar na Copa do Mundo de Futebol Feminino da China (2007) e o terceiro nos Estados Unidos (1999)? (Goellner, 2014, p. 2)

Dessa forma, a presença da mulher no futebol se coloca como um problema com o potencial de ser analisado socialmente. Independente dos fatores que dificultam a vida das jogadoras nesses meios, elas estão jogando futebol. E como isso é percebido na sociedade em geral? Com todas as conquistas das jogadoras brasileiras já mencionadas, aos poucos a mídia, que por muito tempo desconsiderou a categoria, vai abrindo espaço para o esporte de mulheres e acaba se tornando um importante ator na disputa sobre a forma pelo meio da qual essas mulheres são apresentadas. A literatura brasileira sobre esse tema apresenta a mídia como uma das protagonistas na reprodução de desigualdades no esporte entre homens e mulheres. Isso porque, geralmente, a imagem da mulher jogadora é representada através de padrões tradicionais referente a estigmas relacionados ao corpo e à sexualidade das atletas (Knijnik e Souza, 2007). Assim, a mídia reproduz estereótipos que priorizam a estética das atletas, ao invés da prática esportiva em si (Mourão, 2008), reproduzindo padrões de feminilidade e representando o corpo dessas mulheres enquanto mercadoria, tirando o foco do esporte para uma apreciação dos atributos estéticos das atletas.

Nesse sentido, a forma como as atletas são descritas é permeada pelas ideias tradicionais de sexo, gênero e sexualidade. O discurso reproduzido na mídia sobre as mulheres no esporte apresenta uma constante preocupação com a masculinização dos corpos femininos e uma associação entre a aparência corporal e a identidade sexual, na qual se espera que as mulheres com corpos viris vivenciem suas experiências fora do que é considerado normal, ou seja, não correspondente à heterossexualidade (Goellner, 2005).



O apelo à beleza em detrimento da capacidade técnica das jogadoras faz parte de uma lógica de comercialização do futebol sustentada pela ideia de que se as jogadoras forem bonitas, femininas e corresponderem a um ideal de heterossexualidade, trarão mais público para seus jogos e, conseqüentemente, captarão mais recursos para o investimento na modalidade, assim visibilizando futebol de mulheres (Salvini; Júnior, 2016).

## 1.1 Minha pesquisa

Pensando nisso, esse trabalho tem como **objetivo** analisar as narrativas das jogadoras sobre os processos de construção e identificação dos corpos, gênero e sexualidade no meio esportivo e sua associação com a visibilidade do futebol de mulheres. Tornou-se um desafio pensar esses termos e a agência dessas mulheres num processo que, ao mesmo tempo, é tão subjetivo e atravessado de construções sociais expressas sutilmente no cotidiano através de práticas que parecem tão naturais. Questionar a naturalização de certas práticas no esporte referidas tradicionalmente a corpos masculinos e femininos foi essencial para entender os processos que atravessam os corpos das atletas e captar as nuances em seus discursos.

Entendendo o futebol como um esporte espetacularizado, inserido dentro de uma lógica capitalista de lucro, oferta e demanda, escolhi exclusivamente, para essa pesquisa, entrevistar jogadoras que estão inseridas no futebol profissional por, justamente, terem um contato mais direto com a matriz espetacular do futebol que comercializa o corpo feminino no esporte para que, assim, eu pudesse entender melhor as conseqüências desse processo na representação dos corpos dessas mulheres.

Inicialmente pretendi abordar exclusivamente as questões referentes ao corpo e ao gênero no âmbito do futebol de mulheres, entender como o gênero se expressa através do corpo das jogadoras. Entretanto, a partir de leituras que me ajudaram a compreender o universo do futebol de mulheres, tornou-se indispensável trazer à tona a questão da sexualidade, pois a forma como o corpo das atletas é definido pela mídia e foi tratado pelo Estado manteve a constante associação entre os conceitos de corpo, gênero e sexualidade. Ainda mais se tratando desse tema que culturalmente questiona a sexualidade da mulher que joga futebol. Esse assunto é permeado por uma série de relações complexas e subjetivas sobre o que seria o tradicionalmente masculino e feminino. Dessa forma, para as mulheres atletas, sempre há um questionamento duvidoso quanto a sua (hetero)sexualidade (Kessler, 2015).

Nesse sentido, o presente trabalho se apresenta como uma, entre outras possíveis, compreensões antropológicas do futebol de mulheres como fenômeno esportivo social na sociedade brasileira. A questão que direcionou o desenvolvimento desse estudo tenta entender o seguinte problema: como jogadoras brasileiras identificam, percebem e utilizam seus corpos no processo de construção do gênero e da sexualidade no campo esportivo do futebol?

Reitero a ideia de que essa é apenas uma das mais diversas possibilidades de interpretação desse universo, pois há diversos tipos de recortes sociais que podem redirecionar a pesquisa para outros caminhos. O recorte enfatizado aqui está enraizado em uma trajetória específica. As minhas escolhas foram, de certa forma, resultado das experiências e vivências que me constituíram enquanto sujeito. O que eu trago como instrumento de análise, bem como o que exalto no texto, ou deixo passar, propositalmente ou não, é marcado pelos fatores sociais e oportunidades que tive ao longo da vida e, também, da minha trajetória acadêmica. Como disse Sáez (2013, pg. 151) sobre o pesquisador:

Ele carrega consigo uma pesada bagagem: sua história pessoal, as expectativas de sua escola, suas ênfases e suas lacunas, as relações políticas entre o povo ao qual pertence e o povo que ele vem estudar; carrega filtros de gênero, de classe, de idade, e enfim carrega, para resumir, a si mesmo.

Portanto, acredito ser justo apresentar meu local de fala nesse espaço, enquanto mulher branca, lésbica, jovem e de classe média. Criada no meio esportivo através das possibilidades oferecidas por uma mãe professora de Educação Física e atleta assídua, um pai com um conhecimento muito grande sobre futebol e um irmão que, desde a infância, se dedicou ao esporte para hoje ser jogador profissional de futebol. Desde pequena joguei futebol, seja através de competições com equipes, ou no dia a dia com os vizinhos, amigos e colegas. Isso me proporcionou experiências corporais que possibilitaram reflexões sobre o futebol de mulheres e, em momentos específicos, me aproxima das jogadoras com as quais conversei por já ter passado por situações relatadas por elas.

De certa forma, a escolha dessa pesquisa reflete o meio social e intelectual no qual cresci. O meu interesse nesse tema surge do conhecimento dos obstáculos constantemente impostos a essas atletas e as suas carreiras. Mas, além disso, representa a minha admiração pelas mulheres que dedicam sua vida ao futebol e minha necessidade de utilizar o conhecimento que adquiri em cinco anos de graduação para dar, mesmo que minimamente, visibilidade ao trabalho delas.

## 1.2 Métodos de pesquisa

O desenvolvimento dessa pesquisa é resultado principalmente de muitas leituras sobre o tema, pesquisa em sites oficiais de clubes, presença em jogos e entrevistas com as jogadoras. Inicialmente me interessei pelo tema e a primeira etapa no esforço em definir um objeto de pesquisa foi buscar nas plataformas de produção acadêmicas trabalhos que abordassem o futebol de mulheres. Como existe uma infinidade de trabalhos de diversas áreas de conhecimento, optei por filtrar aqueles referentes a análises sociológicas e antropológicas que tratam de gênero, corpo e sexualidade no esporte. Além disso, entendi que precisava conhecer a história do futebol de mulheres no país para compreender o tema com propriedade suficiente. Consequentemente, me deparei com muitos trabalhos que elaboraram uma revisão histórica sobre o futebol de mulheres. Diversos textos buscam no passado as explicações para a invisibilidade da categoria nos dias de hoje.

A partir dessas leituras tive o conhecimento dos períodos na história do Brasil em que uma série de práticas esportivas, incluindo o futebol, foram proibidas para mulheres<sup>3</sup> perante a justificativa de que modalidades com muito contato ou consideradas mais violentas não correspondiam a um princípio de “natureza feminina” da mulher. Portanto, percebi que seria muito interessante abordar as ideias de corpo, feminilidade e masculinidade no futebol de mulheres, já que esses ideais relacionados ao corpo feminino foram essenciais na história das mulheres nos esportes. Nesse sentido, muitos dos trabalhos lidos abordavam essas questões referindo o importante papel da mídia na representação dos corpos femininos no esporte. Foi aí que percebi a necessidade de abordar as perspectivas das próprias jogadoras sobre seus corpos e suas representações.

Em seguida, tive a oportunidade de realizar uma pesquisa em grupo para uma disciplina com a temática do futebol de mulheres. Mesmo com outra abordagem, o trabalho realizado proporcionou não apenas mais leituras e discussões sobre o tema, mas também uma inserção muito importante no campo de pesquisa, com o início do estabelecimento de uma rede de contatos que foi essencial para a realização desse trabalho.

A pesquisa foi construída a partir de uma abordagem qualitativa, de orientação antropológica, centrada principalmente na realização de entrevistas semi-estruturadas. Alguns autores têm se dedicado a estudar as implicações do método de entrevista para a coleta de

---

<sup>3</sup>O período de proibições de modalidades esportivas para mulheres será apresentado no capítulo seguinte.

dados. Triviños (1987), por exemplo, defende que as entrevistas semi-estruturadas possibilitam, além de uma descrição dos fenômenos sociais, a explicação e compreensão de sua totalidade. Além disso, o processo de coleta e interpretação dos dados conta com a presença direta e constante do pesquisador. Manzini (2003) ressalta a construção de um roteiro de entrevista que organize a interação entre pesquisador e entrevistado com o objetivo de direcionar a coleta de informações.

Mediante essas orientações, considerei que através das entrevistas orientadas por um roteiro previamente elaborado, seria possível captar as percepções das jogadoras sobre construções de feminilidades e masculinidades expressas por variadas manifestações corporais. Nessa direção pretendo ressaltar a pertinência de analisar as narrativas das entrevistadas enquanto discursos que são tomados aqui como produtivos. Ou seja, os discursos manifestados pelas atletas estão produzindo corpos e performances. E, nesse sentido, caberia ainda perguntar o que estariam produzindo dentro do futebol de mulheres?

A pesquisa não tem como foco principal tratar sobre preconceito e futebol de mulheres. Portanto, a construção do roteiro de entrevista<sup>4</sup> foi resultado da intenção de abordar o assunto pretendido com as jogadoras de maneira que elas entendessem que a entrevista não tratava diretamente sobre preconceito. Isso porque, acreditei que levar a ideia de que seria uma pesquisa sobre preconceito no futebol poderia ocasionar respostas prontas sobre o assunto. Para tanto, pensei em captar nas entrevistas como suas carreiras profissionais foram construídas, quais as preocupações com seus corpos e com a estética, os entendimentos das jogadoras sobre feminilidade e masculinidade, bem como sexualidade e visibilidade no futebol. As perguntas foram elaboradas minuciosamente na intenção de captar as especificidades presentes nos discursos das jogadoras.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro e dezembro de 2017, com duração média de 20 minutos cada, contando com a participação de cinco jogadoras profissionais que compõe o elenco principal de suas respectivas equipes. Entre elas, três jogam em uma grande equipe do Rio Grande do Sul. Outra é atleta de um clube em São Paulo e representa também a Seleção Brasileira de sua categoria. E a quinta entrevistada, hoje, atua como técnica de futebol da equipe feminina de um time da Europa, país onde encerrou sua carreira de jogadora já tendo jogado pela Seleção Brasileira em algum momento de sua carreira. A escolha dessas jogadoras para as entrevistas se baseou, principalmente, na rede de

---

<sup>4</sup>Ver o Anexo 1.

contatos que tinha a minha disposição. Já conhecia uma das jogadoras do time localizado no Rio Grande do Sul que acabou me apresentando para as outras duas jogadoras que se disponibilizaram a conversar comigo. Além delas, já conhecia a atleta que compõe a equipe de São Paulo e faz parte da Seleção Brasileira através de um contato feito pelo meu irmão. E com a jogadora da Europa, estabeleci contato através da minha mãe que tinha sido sua professora na época do colégio. Dessa forma, constitui o grupo cujas entrevistas me proporcionaram o material necessário para a realização desse trabalho. Cabe mencionar que todo o cuidado e atenção foram dados aos procedimentos éticos concernentes à pesquisa em antropologia. E conforme o acordado com as atletas, seus nomes bem como os nomes dos clubes onde atuam/atuaram foram trocados.

Para expor o contexto em que as entrevistas foram realizadas, vale ressaltar o caráter recente do futebol institucionalizado de mulheres, no qual alguns times brasileiros estão ainda montando suas equipes para competir<sup>5</sup>. Isso é resultado de anos de proibição da modalidade no país e acaba resultando numa falta de estrutura para o desenvolvimento adequado desse futebol que não é tão valorizado quanto às equipes masculinas.

É o caso do clube do Rio Grande do Sul que retornou com a equipe feminina reformada em 2017 após um período de encerramento das atividades. O futebol de mulheres desse clube não ganha os mesmos espaços e condições para treinamento e jogos que o time principal masculino e é composto por um elenco bastante jovem. Às atletas é reservado outro espaço para alguns treinamentos durante a semana e é lá que me encontrei com as jogadoras para entrevistá-las, às vezes antes, às vezes depois do treino. Nesses encontros pude acompanhar etapas dos treinos e a chegada das atletas ao campo. Ali já pude identificar alguns elementos que motivaram a construção das perguntas que iria utilizar nas entrevistas referente a performances de feminilidade e masculinidade. Primeiramente, o contato com as jogadoras foi feito através de um aplicativo de mensagens, o qual me proporcionou fazer uma breve apresentação da minha pesquisa e marcar a conversa pessoalmente.

Com as outras duas jogadoras entrevistadas foi um desafio maior, pois uma delas mora em São Paulo e a outra na Europa, portanto não havia possibilidade de realizar as entrevistas

---

<sup>5</sup>De acordo com reportagem feita pelo jornal Estadão, apenas oito dos times tradicionais da modalidade masculina já contam com a equipe feminina formada: América-MG, Corinthians, Flamengo, Grêmio, Internacional, Santos, Sport e Vitória.  
<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mesmo-obrigados-clubes-da-serie-a-ignoram-futebol-feminino,70002273870> (Acesso em 11/06/2018).

pessoalmente. Mesmo assim, decidi realizar as entrevistas, pois acreditei que ambas poderiam trazer importantes contribuições para a pesquisa; então defini outros meios. A atleta de São Paulo, por exemplo, convive com atletas mais velhas e experientes no futebol, além de já ter representado a Seleção Brasileira. Por outro lado, a treinadora do time da Europa, por ser mais velha, jogou o futebol brasileiro dos anos 1990 e 2000, presenciando maiores exigências referente aos ideais de beleza e feminilidade no esporte, conforme o relato dela. Além disso, a jogadora tem a vivência de ter jogado em um time da Europa, na qual as relações entre futebol e gênero se apresentam de forma diferente quando comparada à realidade brasileira, e isto pode proporcionar outra perspectiva da atleta em relação ao futebol brasileiro. Ou seja, sua experiência no futebol de mulheres é um fator que julguei ser interessante para a pesquisa.

Decidi utilizar o aplicativo de mensagens Whatsapp para realizar, através de áudios, as entrevistas com essas jogadoras. Escolhi esse meio de comunicação por julgar ser o que facilitaria a rotina corrida de treinos das atletas e, também, contemplar certas inseguranças de entrevistadora principiante. Então, combinei um horário com as atletas para conversarmos de forma fluída sem interrupções.

O que me pareceu estranho foi perceber que as entrevistas por aplicativo funcionaram de forma mais fluída e espontânea do que as realizadas pessoalmente. Não há como dizer certamente quais fatores levaram a essa sensação. Posso pressupor que minhas entrevistadas talvez tenham se sentido mais à vontade de conversar pelo aplicativo de mensagens, sem ter um contato olho no olho e a necessidade de uma presença física. Ou, se é apenas a característica específica da personalidade de cada uma das entrevistadas.

É claro que senti algumas dificuldades que podem ter definido o rumo da minha pesquisa. Uma delas é o fato de ter sido a primeira vez que saí sozinha para o campo para conversar com pessoas que não conhecia ou que tinha visto uma única vez. Acredito que isso me deixou insegura quanto ao meu papel de entrevistadora e o nervosismo pode ter atrapalhado a fluidez da entrevista e causado uma dificuldade em lidar com a conversa em certos momentos. Percebi que em algumas oportunidades não soube conduzir eficientemente a entrevista para estimular reflexões das jogadoras sobre os temas apresentados e explicações sobre os seus pensamentos.

Outro desafio que se tornou evidente foi o pouco contato que estabeleci com as jogadoras, já que eu as vi somente quando marcávamos entrevista ou de longe nos jogos que assisti. Eu era uma pessoa estranha ao convívio delas querendo entrevistá-las, mesmo que eu

tenha apresentado corretamente a mim e a pesquisa, era esse local que eu ocupava. Ao mesmo tempo em que eu me sentia insegura com a minha posição de entrevistadora, talvez elas tenham se sentido nervosas por estar sendo entrevistadas. E isso pode ter dificultado talvez a nossa comunicação. Por isso tentei conversar com elas de uma forma mais informal, mas respeitosa, para deixá-las mais confortáveis dentro do possível, já que nossa convivência em momentos específicos impossibilitava uma intimidade maior.

E mesmo sentindo essas dificuldades acredito que as conversas que tive com as jogadoras foram incrivelmente produtivas, proporcionando diversas reflexões sobre o tema. Assim sendo, meu trabalho é resultado de todas essas escolhas e desafios que se apresentaram durante o processo de construção e desenvolvimento da pesquisa.

### **1.3 Por que o termo futebol de mulheres?**

Nessa parte do capítulo pretendo explicar brevemente a mudança terminológica utilizada na escrita desse trabalho. Foi inspirada na Tese de Doutorado de Cláudia Kessler intitulada “*Mais que Barbies e ogros: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*” que optei por trocar o termo futebol feminino por futebol de mulheres. Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa senti necessidade de apresentar o futebol praticado por mulheres através de outra nomenclatura que correspondesse ao que vi no campo. Portanto, é apresentando um resumo geral das ideias sustentadas por Kessler (2015), que convergem com as minhas, que justifico essa escolha.

O termo futebol feminino é o mais utilizado nas mídias, organizadores de evento e campeonatos e entre as próprias jogadoras. O intuito de apresentar e utilizar outra terminologia não diz respeito a uma severa crítica, julgamento ou recusa em utilizar o termo futebol feminino, mas apenas por um sentimento de que represento melhor as mulheres que conheci durante essa pesquisa, utilizando o termo futebol de mulheres.

Isso porque, o termo “feminino” pressupõe e carrega consigo a representação de uma feminilidade tradicional que espera das mulheres comportamentos e vaidades que correspondam a uma ideia de natureza e beleza feminina. Ideia essa que não é coerente com a realidade das jogadoras dessa modalidade, em que elementos considerados tradicionalmente masculinos - como força, velocidade, agressividade, contato e competitividade - são acionados a todo tempo dentro de campo. No esporte de mulheres a feminilidade é

excessivamente cobrada, pois, segundo Kessler (2015, pg. 35), “a conformação à heterossexualidade e a uma feminilidade tradicional era vista como formas de apresentar uma imagem pública melhorada das equipes, havendo uma pressão implícita visando à adequação a esse padrão”. Dessa maneira, a terminologia “feminino” reforça estereótipos do que é ser tradicionalmente feminina dentro do campo esportivo.

Esse discurso é estruturado e legitimado a partir das concepções em torno das diferenças biológicas entre os sexos. Mesmo que muitas teorias feministas tenham proporcionado debates sobre essas diferenças, expondo diferentes possibilidades de expressão do corpo, as instituições esportivas entendem o ser mulher e o ser homem a partir de uma lógica essencialmente biológica. Inclusive, essa lógica é expressa nas decisões de órgãos esportivos que em determinados momentos da história estabeleceram critérios de avaliação de gênero baseados em testes de sexos e investigações a atletas que levantassem “suspeita” quanto ao seu desempenho nos esportes<sup>6</sup>.

Um ponto interessante que Kessler (2015) traz para a discussão é a utilização do termo futebol de mulheres como oposição à infantilização e sexualização das jogadoras através dos apelidos dados às equipes femininas. Assim, Kessler (2015, pg. 42) expõe que:

Mesmo que grande parte das jogadoras sejam mulheres jovens, o frequente uso da expressão “meninas” está ligado à noção de uma feminilidade normativa, em que a atleta representa a fragilidade de alguém que requer cuidados e atenção de outro mais experiente (e no futebol, historicamente, seriam homens).

Portanto, a mudança terminológica para futebol de mulheres propõe uma reflexão à noção de feminino na tentativa de englobar as diversas formas de “ser” mulher, principalmente aquelas não tradicionais, que expressam através dos corpos feminilidades e masculinidades existentes no esporte. Nas palavras de Kessler (2015, pg. 32):

O termo *futebol de mulheres* se relaciona a um universo complexo e heterogêneo, permeado por trocas entre pessoas de diferentes classes, etnias, gêneros e religiosidades, no interior desta coletividade. Ou seja, entendo o

---

<sup>6</sup>Até o ano 2000, o Comitê Olímpico Internacional (COI) contava com uma política de verificação de gênero que se ocupava em realizar testes para comprovar o sexo das atletas (Silveira;Vaz, 2014). Especificamente no futebol, a Federação internacional de Futebol Associação (FIFA) conta desde 2011 com um manual de Regulações de Verificação de Gênero no qual é responsável por investigar casos “suspeitos” de desempenho esportivo das atletas. (Kessler, 2015).



termo “mulheres” como abrangendo corpos e subjetividades de sujeitos que não são neutros, abstratos e nem universais.

## 2. Contextualização e referencial teórico

O Brasil hoje é conhecido mundialmente como o país do futebol. Por ser um esporte de fácil acesso acabou se massificando rapidamente entre as elites e as classes populares no início do século XX no país. Aos poucos este esporte foi sendo incorporado discursivamente à identidade nacional (Goellner, 2005) e por momentos da história se tornou um instrumento de propaganda governamental. Além disso, o futebol pode ser entendido como um mecanismo para a interpretação do Brasil, já que cada uma das esferas da sociedade sejam elas o esporte, a política ou religião, é uma espécie filtro pelo qual a ordem social está sempre sendo afirmada, reafirmada e refeita (Da Matta, 1982). Nesse sentido, o futebol de mulheres no Brasil existe e resiste dentro de uma estrutura de desigualdades de gênero na qual o campo de futebol se apresenta como uma extensão da sociedade civil.

Se atualmente existem nomes brasileiros reconhecidos mundialmente no futebol de mulheres foi por um grande esforço e resistência da categoria, pois mesmo não sendo reconhecidas como sujeitos históricos na constituição do futebol no país, as mulheres sempre estiveram participando de sua construção, ainda que nos bastidores, ao encontrar formas não institucionalizadas de praticar o esporte.

Porém, toda vez que uma mulher tenta sair do espaço privado do lar que lhe é destinado e procura vivenciar outros espaços sociais surge um movimento contrário para deslegitimar a presença feminina em espaços públicos. No futebol não foi diferente. Para garantir a ausência feminina nos campos utilizaram-se argumentos que pressupunham uma essência feminina, idealizando a “natureza feminina”, ou seja, a participação das mulheres no esporte e suas práticas se oporiam a um ideal de feminilidade tradicional. Os esportes agressivos demais poderiam pôr em risco a conduta ou a integridade física da mulher, impedindo que ela cumprisse o seu dever de ser mãe e educar os filhos da nação (Salvini; Souza; Júnior, 2015).

Este discurso foi valorizado e reproduzido culturalmente por diversos setores de prestígio da sociedade. O Estado da Era Vargas limitou institucionalmente a prática esportiva às mulheres através da implantação, em 1941, de um Decreto-Lei de número 3.199 que as proibia de praticarem esportes que não estivessem de acordo com a sua natureza (Franzini, 2005). As modalidades proibidas foram: a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.

Entretanto, a lei foi caindo em desuso e, aos poucos, as mulheres voltaram a praticar o futebol, o que ocasionou um segundo período de proibição no período da Ditadura Militar. No ano de 1965, então, o Conselho Nacional de Desportes (CND) colocou em prática o Decreto-Lei estabelecido no Governo Vargas anteriormente (Silva, 2012).

Tal discurso, na verdade, revela que os períodos de proibição não têm a ver com a prática do esporte, mas sim com uma suposta subversão das mulheres em abandonarem o lugar privado e sua “função natural” de reprodutora para ocupar um espaço considerado socialmente masculino (Franzini, 2005). Além disso,

[...] quaisquer esportes ou práticas que viessem a masculinizar o seu corpo, torná-lo forte em demasia ou exibi-lo além do moralmente aceitável eram, naturalmente, considerados inadequados à mulher e, portanto, deveriam ser restritos aos homens (Silva, 2012, p. 2).

A proibição de tais práticas esportivas teve como consequência um atraso em relação a outras modalidades não proibidas, pois impedidas de jogar institucionalmente, as mulheres não tinham como se aperfeiçoar tecnicamente nem se profissionalizar (Salvini; Souza; Júnior, 2015).

É interessante perceber que a tentativa de afastar a mulher do futebol teve um caráter político, pois aconteceu simultaneamente com as ações do governo da Era Vargas de promover o futebol masculino como o esporte da nação (Moura, 2003). Portanto, não era conveniente que um esporte que circulava popularmente em todo território nacional fosse vinculado à imagem mulher.

O Decreto-lei só foi revogado no ano de 1979 devido ao esforço do então diretor da Confederação Brasileira de Judô, Joaquim Mammed, que inscreveu quatro atletas mulheres para o campeonato Sul-Americano trocando seus nomes por nomes masculinos no cadastro do CND. Quando retornou ao Brasil, se reportou ao CND apresentando as medalhas conquistadas pelas atletas e esse episódio se tornou o estopim para o fim da lei (Silva, 2012). Contudo, mesmo com o decreto revogado as modalidades proibidas e suas praticantes continuaram carregando consigo o preconceito enraizado através de anos de proibição.

Os obstáculos ao futebol de mulheres sempre foram carregados de preconceitos. Por um lado, uma preocupação constante entre a aproximação do futebol e a masculinização do corpo feminino e a representação naturalizada de uma feminilidade que pressupõe uma correspondência entre mulher, feminilidade e beleza. Por outro lado, a ausência de patrocínio

e incentivo à categoria (Goellner, 2005). Nesse sentido, o corpo feminino é tratado como um bem social, controlado para entretenimento e consumo masculino. As jogadoras devem desenvolver a feminilidade na medida certa, pois qualquer aproximação com o que é considerado da essência masculina é repudiada.

Para Kessler (2015), “no Brasil, o futebol é um esporte ligado a uma masculinidade hegemônica, tradicional e idealizada, com forte ligação à atividade performática de espetáculo”. Sendo assim, para que o futebol de mulheres conquiste um espaço nesse meio espetacularizado, “há um protocolo de ações que devem ser seguidas, as quais restringem a liberdade em prol da padronização, produzindo ‘algo que seja vendável’. Essa propriedade mercadológica requer a constituição de um mercado, e, para tanto, é necessário público” (Kessler, 2015, pg. 53). Ou seja, para que haja consumo do futebol de mulheres, é necessário que haja oferta e demanda e, para haver oferta, as jogadoras são incentivadas a performar um estereótipo do gênero feminino dentro e fora de campo em que a beleza e a feminilidade garantem um maior público, patrocínio e visibilidade (Salvini; Júnior, 2016).

A história da prática do futebol por mulheres foi inscrita e limitada pelo domínio da biologia e o que é considerado natural de cada sexo. Desde os períodos de proibição até as reportagens esportivas atuais que prezam a beleza das jogadoras em detrimento da sua habilidade técnica, os corpos das jogadoras foram marcados com expectativas que expressam o papel da mulher dentro da sociedade, sempre pautado na naturalização da diferença biológica entre os sexos.

Essa diferença entre homens e mulheres foi definida a partir do final do século XVIII e início do século XIX, em que o conhecimento científico, principalmente o médico, se dedicou a inscrevê-la essencialmente na natureza, sendo assim, imutável. A diferença seria expressa através da fisiologia e das formas corporais, mas se apresentariam também através das emoções, comportamento e intelecto. Dessa forma, “percebe-se, assim, a promoção de uma justificativa biológica para os papéis sociais distintos a serem exercidos por homens e mulheres em virtude de uma organização corporal diferenciada” (Rohden, 2017, p. 4).

Grande parte dos estudos feministas se ocupou em entender as relações de gênero a partir dessas diferenças, e para isso, consideraram o gênero como socialmente construído, inserido em um meio passivo, o corpo, ou mais especificamente o sexo, entendido como natural. Contudo, algumas autoras se propuseram a desnaturalizar a diferença biológica e conceber tanto o corpo quanto o sexo por meio de sua interação com o social. Linda

Nicholson (2000) foi uma das autoras que procurou desconstruir a dicotomia entre sexo e gênero, pois percebeu a incapacidade de uma lógica binária (sexo x gênero) corresponder à necessidade de uma categoria que compreenda as diversidades de gênero sem limitá-las. Segundo ela, a ideia binária impossibilita a compreensão das experiências e corpos masculinos e femininos, além de não conseguir captar os desvios de gêneros existentes nas sociedades, reforçando estereótipos ligados às masculinidades e feminilidades.

Outra autora que elaborou essa problematização e trouxe a biologia para o campo social foi Judith Butler que, nesse trabalho, será a inspiração principal para pensar o processo de produção de gênero e a performatividade no futebol de mulheres. Assim como Nicholson (2000) e outras autoras como Joan Scott (1995) e Anne Fausto-Sterling (2001), Butler pretende historicizar o corpo e o sexo, desconstruindo a dicotomia entre sexo e gênero. Traz a ideia de que o sexo é tão culturalmente construído quanto o gênero. Em suas palavras,

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma (Butler, 2017, p. 27).

O que a autora quer dizer é que se torna impossível tratar de uma separação entre o gênero como socialmente construído, e o sexo como biologicamente dado, pois a forma como concebemos o sexo depende das noções que temos sobre o gênero.

Butler (2017) percebe em nossa sociedade uma ordem compulsória que exige coerência total entre sexo, gênero e orientação sexual (desejo/prática) e se expressa obrigatoriamente de forma heterossexual. O gênero seria a legitimação dessa ordem, na medida em que é expresso principalmente pela cultura e pelos discursos que inscrevem o sexo e as diferenças sexuais no campo biológico. Por isso, o gênero produziria uma falsa noção de estabilidade, já que garantiria uma manutenção da heterossexualidade a partir de dois sexos fixos, coerentes e opostos. O que assegura a manutenção de tal ordem compulsória é justamente o que a autora chama de performatividade, de modo que “não é um “ato” singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição” (Butler, 2001, p. 162). Ou seja, é através da repetição de atos, gestos e signos que é reforçada a construção de corpos masculinos e femininos tais como conhecemos.

Os discursos sobre os sexos, que definem o que é ser homem ou mulher, vão sendo corporificados e a forma de ser vai sendo naturalizada a partir do discurso. Dessa forma, “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2017, p. 69). Isso significa que o gênero é um conjunto de normas instituídas, mantidas e repetidas sobre o corpo que geram os códigos necessários para que uma pessoa seja inteligível, ou não, dentro da matriz cultural, contrariando a ideia de que a constituição de um sujeito parte de uma essência interior do que é ser mulher ou homem.

Nesse momento, o conceito de gênero e as ideias propostas por Butler se tornam indispensáveis para compreender as relações no universo futebolístico, uma vez que o esporte pode ser entendido como um espaço de produção de corpos generificados (Goellner, 2016), no qual masculinidades e feminilidades são constantemente construídas, reforçadas e ressignificadas.

O que é cobrado das jogadoras dentro e fora do campo é uma performance da feminilidade tradicional que assegure a normatividade da matriz heterossexual através da correspondência entre sexo, gênero e orientação sexual. Contudo, as atletas que entram em determinadas áreas esportivas, geralmente aquelas que impõem certa agressividade e desenvolvimento físico, são percebidas como masculinas ou não sendo aquilo que se espera tradicionalmente de uma mulher (Kessler, 2015). Isso acontece porque o feminino e o masculino se encontram em posições diferentes quando se trata de poder. O homem é essencialmente associado ao masculino, e neste pólo se inserem princípios como o de força, racionalidade, objetividade e ação. Enquanto isso, à mulher se associa o feminino e seus princípios de fragilidade, emoção, passividade subjetividade (Knijnik; Souza, 2007).

Por isso, quando as jogadoras performam comportamentos que tradicionalmente estão associados a características masculinas, elas deixam de corresponder ao que é esperado socialmente para o seu gênero. Ou seja, deixam de fazer sentido dentro da matriz de inteligibilidade cultural. E se sua performance deixa de corresponder à ordem compulsória esperada em termos de gênero, sua sexualidade automaticamente é posta em questão. Isso porque, conforme Butler (2010), a heterossexualidade também é mantida e protegida por práticas regulatórias. E nesse sentido, Kessler, apoiando-se em Caudwell (2002), afirma que:

As jogadoras de futebol são vistas como o “outro” em termos de feminilidade heterossexual, pois não se enquadram na matriz de inteligibilidade heterossexual. A heterossexualidade compulsória e a feminilidade heterossexual são frequentemente desafiadas ou até mesmo excluídas desses espaços; eis um dos porquês de serem consideradas perigosas (Kessler, 2015, p. 295).

É isso que torna tão interessante pensar no futebol de mulheres a partir de uma perspectiva antropológica: as mais diversas possibilidades de compreender as representações dos corpos, gêneros e sexualidades nesse espaço. Mas também, pensar, principalmente, como a jogadoras tencionam, usam seus corpos e negociam performances dentro desse ambiente? Como acontece o processo de construção do gênero? Como percebem seus corpos e o seu lugar dentro de um esporte que historicamente as invisibilizam? Tentar entender essas questões e a agência dessas atletas é o que será trabalhado no próximo capítulo.

### 3. As narrativas das jogadoras de futebol

Pensar o futebol de mulheres impõe considerações necessárias para imaginar um quadro geral da categoria no país do futebol. Uma delas é perceber os elementos constitutivos da invisibilidade e desvalorização do futebol jogado por mulheres que perpassam as qualidades do que é apresentado pelas jogadoras dentro das quatro linhas. Na verdade, a associação entre futebol e masculinidade foi construída historicamente pela cultura e acabou afastando e negando a atuação da mulher nessa categoria.

Assim, se entende a escassez de registros sobre a presença das mulheres no futebol em particular, mesmo que a participação delas tenha acompanhado o início da prática do Brasil. Tal condição é muito importante para se compreender as desigualdades entre homens e mulheres nesse campo específico (Goellner, 2014).

O esporte praticado pelo homem sempre ocupa lugar comum no imaginário social. Não há necessidade de a mídia esportiva marcar o gênero quando trata do assunto, já se pressupõe que está se referindo à equipe masculina. Por outro lado, o esporte de mulheres pede sempre a demarcação de seu lugar, portanto, se está se falando do futebol de mulheres, o termo “feminino” deve acompanhar o enunciado (Knijnik e Souza, 2007). Tais elementos contextualizam a realidade das jogadoras brasileiras. E é nesse contexto que as atletas resistem para praticarem seus esportes e que são expressas e entendidas as representações de gênero corpo e sexualidade. Permeadas pelos estereótipos tracionais de gênero é que elas negociam suas performances. Dentro desse campo: “Gênero, sexualidade e corpo são utilizados para marcar inadequações e promover impedimentos” (Kessler, 2015, p. 38).

Dito isso, o desenvolvimento do texto nessa parte do trabalho analisa os dados coletados durante as entrevistas com as jogadoras. É através do discurso que elas constroem sobre seus corpos e performances que procuro compreender como as formas de se identificar, por parte dessas mulheres são manifestadas no meio esportivo do futebol.

Na primeira seção abordarei os relatos das jogadoras referentes às suas trajetórias pessoais de iniciação e interesse pelo futebol e algumas dificuldades encontradas. Na segunda, darei ênfase ao trabalho dessas profissionais com relação a seus corpos, questionando as preocupações estéticas. A seção seguinte pretende analisar os discursos das atletas sobre as performances e entendimentos de feminilidades e masculinidades, principalmente, no espaço do futebol. Os discursos sobre sexualidade serão analisados na quarta seção. E por ultimo,



tratarei a questão da falta de reconhecimento do futebol “feminino” e sua relação com o preconceito da mulher futebolista. Em relação aos trechos transcritos de entrevistas, para preservar a identidade das jogadoras irei apresentá-las por nomes fictícios.

### **3.1 A trajetória pessoal das atletas**

O interesse principal dessa pesquisa não é analisar exaustivamente as diferenças entre o futebol de homens e mulheres, até porque existe uma variedade de trabalhos na literatura brasileira que se encarregam disso. Muito menos construir um discurso de vitimização das mulheres no futebol. No entanto, considere importante trazer parte da trajetória das jogadoras entrevistadas expressas por relatos que, inevitavelmente, denunciam essas diferenças. De certa forma, se tornou indispensável expor essas situações de desigualdade para apresentar a realidade das atletas e o contexto em que essa pesquisa foi desenvolvida.

Assim sendo, levando em consideração as dificuldades impostas às mulheres que jogam futebol já apresentadas nesse trabalho, o caminho para chegar a uma equipe profissional de um time com reconhecimento não é fácil. A trajetória de vida no esporte das atletas representa bem o cenário de oportunidades do futebol brasileiro às mulheres desde as escolinhas até a formação profissional. Por outro lado, representa também, a força de vontade e insistência de permanecerem no campo esportivo.

O curso individual de cada uma das jogadoras entrevistadas, por mais que apresentem suas características próprias e caminhos com escolhas e oportunidades únicas, convergem em alguns sentidos. Um deles, que me chamou atenção ao conversar com elas, é que todas tiveram sua iniciação no futebol a partir de uma figura masculina. Algumas acompanhavam o pai ao estádio, outras jogavam desde muito pequenas com os irmãos, vizinhos ou colegas. E assim cultivaram o gosto pelo esporte.

Outro aspecto em comum que as entrevistadas apresentaram foi o grande número de clubes, escolinhas e times que passaram ao longo de sua carreira. É claro que no futebol, incluindo o masculino, é comum o trânsito constante entre jogadores e equipes. Mas o que se destaca e diferencia no futebol de mulheres é a dificuldade em, primeiramente, encontrar uma escolinha com futebol “feminino” e, depois, que ela se mantenha aberta. As escolinhas são de extrema importância para a constituição das jogadoras, pois é nela que se aprende a base do

futebol, os princípios táticos e onde se lapidam os talentos. Com poucas oportunidades, o desenvolvimento técnico fica comprometido, e acaba prejudicando futuramente a atuação das profissionais em campo. Nesse sentido, o futebol de mulheres já começa um passo atrás em relação às infinitas possibilidades de inserção de um garoto no futebol.

Quando comparado ao futebol de homens, Kessler (2015, p. 57) ressalta que até a questão do tempo de realização do sonho de ser jogadora de futebol é diferente:

Enquanto o sonho no futebol de homens pode ter um clube específico pelo qual torce desde a infância, no *futebol de mulheres*, devido à impermanência das equipes, torna-se difícil saber por quanto tempo a equipe existirá. O “sonho” de jogar não possui a concretude de uma equipe de mulheres, mas se refere à possibilidade de poder jogar por alguma equipe, qualquer que seja.

Pela inconstância das equipes e escolinhas “femininas”, a solução encontrada por algumas atletas que conversei foi jogar com a equipe masculina, inclusive ganhando visibilidade entre os homens, como é o caso da atleta Fernandinha, que relata: “eu comecei jogando na escolinha [de um time localizado no nordeste do Rio Grande do Sul] com os meninos, porque não existia futebol feminino ainda”. Depois de ter passado pela escolinha de um time da capital do Rio Grande do Sul, que acabou fechando, foi para a escolinha de outro time em Porto Alegre, conveniada com um clube de São Paulo. Então, de tempos em tempos, uma equipe de São Paulo se dirigia para Porto Alegre para fazer testes com os atletas homens e levar para jogar em São Paulo os que se destacassem. Fernandinha, então, conta: “E nesse teste dos meninos eu acabei me envolvendo. Fui lá, joguei com os meninos e eles acabaram gostando de mim e não dos meninos”. Dessa maneira, ela conquistou visibilidade, resultando em oportunidade de ir para uma equipe com um futebol de mulheres melhor estruturado.

Salvini e Marchi Júnior (2016, p.7) analisaram os relatos sobre as dificuldades e motivações enfrentadas por jogadoras de futebol de um clube amador na cidade de Curitiba-PR que, em algum momento de suas carreiras, defenderam a Seleção Brasileira. Nos relatos, as jogadoras se referiram a si mesmas como guerreiras e isso demonstra:

A dificuldade ou, a “batalha” que enfrentam para se estabelecerem como jogadoras de futebol, seja na infância, quando lutavam por um espaço no time de meninos; na adolescência quando procuravam por escolinhas para se

especializarem na modalidade; ou na vida adulta, quando lutam por poder viver (no sentido de ter o reconhecimento financeiro e profissional) do futebol.

Os tantos obstáculos que se apresentem à construção da carreira das jogadoras não foi o suficiente para fazer essas mulheres desistirem de ocupar um lugar importante no futebol brasileiro. Elas continuam jogando. E, mais ainda, se profissionalizando.

### **3.2 O corpo como forma de desempenho atlético**

Reconheço que o futebol de mulheres pode carregar diversas interpretações possíveis do que é ser profissional justamente, por estar fora da matriz espetacular, apresentam diversos ‘universos futebolísticos’ de atuação. No entanto, nesse trabalho a ideia de profissional será entendida como o referente à atleta que compõe o time principal de sua equipe, com uma rotina e carga horária de treinos, participando de campeonatos reconhecidos pelos órgãos oficiais de futebol<sup>7</sup>.

O corpo se torna um elemento central quando se trata de futebol, afinal, o corpo dos/das atletas é seu instrumento profissional e o meio pelo qual se situam em suas realidades, sentindo prazeres e desprazeres. Construir o corpo para o máximo desempenho é tarefa coletiva de clubes e atletas. Os clubes se encarregam de dar a estrutura para treinamentos físicos, alimentação, recuperação e acompanhamento das atletas. Garantir a eficácia de desenvolvimento em campo fica por parte da atleta que precisa cuidar do corpo em tempo integral. Fica explícito que quando falamos de esporte e a importância do corpo o que se sobressai, e o que de fato importa, é isto: a preparação, o rendimento, a capacidade, o desempenho. Pelo menos, é isso que ocorre no futebol dos homens. Quando se fala em futebol de mulheres, a grande relação que se faz, por parte da mídia, é a associação à beleza, à estética e à feminilidade das jogadoras em detrimento das qualidades técnicas (Mourão, 2016). Se essa preocupação parece ser uma condição exclusiva ao esporte de mulheres, como elas lidam com essas associações? Existem apenas externamente a elas, ou elas introjetam

---

<sup>7</sup>Entende-se por órgãos oficiais as instituições que organizam os principais campeonatos jogados pelas atletas entrevistadas no Brasil, como a Federação gaúcha de Futebol (FGF), Associação Gaúcha de Futebol Feminino (AGFF), Federação Paulista de Futebol (FPF), Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Comenbol, Federação Internacional de Futebol e Associação (FIFA), entre outros.

esses ideais e as reproduzem de certa forma? Quando elas preparam e trabalham com seus corpos no futebol, há espaço para a preocupação estética?

Fazendo sua pesquisa, especificamente ao participar da rotina da Associação Gaúcha de Futebol Feminino (AGFF), Claudia Kessler (2015, p. 35) percebeu o reforço de discursos sobre o ‘feminino’, por parte das instituições promotoras esportivas, que:

[...] ressaltavam as necessidade da manutenção da ‘ vaidade’ e da ‘ natureza feminina’ das jogadoras. A conformação à heterossexualidade e a uma feminilidade tradicional era vista como formas de apresentar uma imagem pública melhorada das equipes, havendo uma pressão implícita visando à adequação a esse padrão, principalmente em equipes que recebiam patrocínios.

O estímulo por parte das instituições esportivas muitas vezes responde à logica mercadológica do futebol que transforma o corpo da mulher em produto de consumo para homens. Dessa forma, a feminilidade e heterossexualidade são incentivadas como forma de compensar os estigmas homofóbicos encontrados na prática do futebol para veicular uma “nova imagem” do futebol de mulheres nas mídias esportivas (Salvini; Souza; Júnior, 2015). O início da prática da modalidade no país foi marcado por questionamentos explícitos quanto à sexualidade das atletas e cobranças sobre suas performances de feminilidade. Esse episódio é comprovado através do relato da jogadora Ananda, a mais velha do grupo que entrevistei. Ela já “pendurou as chuteiras”<sup>8</sup> e participou do futebol do final dos anos 90 e durante os anos 2000, época em que as pressões externas quanto à feminilidade e sexualidade eram mais explícitas. Sobre isso, ela conta:

Lembro de um episódio de quando eu fui pra jogar [em um time na cidade de São Paulo-SP] né, que falaram que só mulheres com cabelo comprido poderiam jogar o campeonato e isso realmente aconteceu, foi uma coisa bem chata. Foi bem falado isso e depois encobriram tudo isso. Mas tinha tipo um *drafting* no paulista, que jogadoras de seleção, cada duas iam pra um time, então tiveram muitas jogadoras boas que por causa da estética não puderam jogar aquele campeonato [paulista].

O que a atleta relata, na verdade, não é apenas um caso isolado vivenciado somente por ela na época em que jogava. Knijnik e Vasconcellos (2003, p.3) falam de uma reedição,

---

<sup>8</sup>“Pendurar as chuteiras” é uma expressão no meio do futebol que representa a aposentadoria das atividades de jogadora. Nesse caso, especificamente, significa a aposentadoria como jogadora profissional.

em 2001, do campeonato paulista de futebol “feminino”, conhecido por “Paulistana”, e organizado pela Federação Paulista de Futebol (FPF), no qual, para que as atletas pudessem participar, precisavam cumprir certas obrigações referentes à forma como se apresentavam esteticamente, pois:

[...] os dirigentes da FPF prometiam literalmente um campeonato bom e bonito, que unisse o futebol à feminilidade. Assim, por exemplo, atletas de cabelos raspados foram barradas - a preferência era por moças de cabelos compridos; também havia um componente etário nas pré-condições, as atletas não poderiam ter mais de 23 anos para jogarem, provavelmente pelo fato das imagens das mais novas serem mais facilmente erotizáveis na mídia em geral.

Se as tentativas de tornar o futebol de mulheres mais comercial, nos moldes dos padrões hegemônicos de feminilidade e (hetero)sexualidade tiveram resultado nas performances corporais das jogadoras, ao longo do tempo, não há como afirmar. Contudo, pode-se analisar as “atletas modelos” na história da Seleção Brasileira Feminina para entender os diferentes períodos pelos quais o futebol de mulheres passou. Inicialmente, jogadoras como Sissi e Pretinha eram as principais atletas e não correspondiam aos padrões tradicionais de feminilidade. Encontravam, também, poucos campeonatos para jogar e tiveram exclusivamente sua formação esportiva nas ruas. Posteriormente, a geração de Marta e Formiga se aproximou mais dos padrões tradicionais femininos com o uso de maquiagem e cabelos longos, além de encontrar um calendário mais organizado de competições e algumas escolinhas para formação. E, a atual geração de Andressa Alves e Andressa Machry, consegue atuar em um futebol um pouco mais estruturado, com opções de competições, e se depara com uma realidade de maior aceitação das suas práticas esportivas (Kessler, 2015, p. 77).

Não há como dizer quais os fatores que levaram tanto a maior aceitação da modalidade pela sociedade quanto à mudança nas formas das jogadoras performarem feminilidades hegemônicas. E nem é minha pretensão fazer-lo nesse trabalho. O que se sobrepõe e chama atenção é a pressão existente por parte das instituições e das mídias para que haja uma correspondência entre performance corporal das atletas ao que é considerado como essencialmente feminino. Se essa pressão chega a influenciar o comportamento e as formas de agir das jogadoras, não há meios certos para afirmar. Porém, as atletas com as quais conversei parecem não estar muito atentas a esses incentivos e pressões. As preocupações que

apresentam têm mais a ver com seu desempenho e, de forma secundária, satisfação pessoal com a aparência.

Nesse sentido, o título dessa seção é inspirado nos relatos coletados a partir das conversas com as jogadoras, nos quais todas apresentaram uma grande preocupação em preparar seus corpos para alcançar o máximo de desenvolvimento em campo. Para tanto, elas cumprem uma rotina puxada de treinos táticos, físicos e academia. Algumas ainda fazem acompanhamento nutricional, treino funcional, trabalhos de potência e força para evitar lesão. Priscila fala sobre as cobranças do clube e as preocupações que tem em relação à estética que apresenta:

Tem que ter um percentual de gordura. E até pra se sentir bem com o próprio corpo. Eu sou uma pessoa que gosta de ser sentir bem comigo, sabe? Então eu procuro sempre manter um peso ideal. Procuro sempre dar uma ajeitada no cabelo, sabe?

O percentual de gordura que Priscila se refere é uma exigência padrão das equipes que garante um maior rendimento físico das atletas. Sobre isso e outras cobranças do clube em relação ao corpo das atletas, Lauren conta:

Tem a cobrança de tu ser magra pra tu jogar, porque a atleta precisa de um preparo físico. Em estética de roupa, o pessoal do [clube de Porto Alegre-RS em que joga] pede pra não usar boné, não usar óculos, são coisas que seguem o padrão tradicional assim.. usar o uniforme do clube, vir com tênis, não andar de chinelo. Mas são coisas que são regras a serem cumpridas né. No treino, tu não vai entrar de boné no treino. Na tua vida pessoal tu pode até usar boné. Tem que ser como um atleta né, no masculino também não pode né.

O esporte, num geral, exige disciplina, portanto, cobrar que as atletas cumpram certas regras para se apresentar nos treinos faz muito sentido. Contudo, o que me chama atenção nesse relato é pensar que mesmo que as jogadoras não tenham tanta visibilidade quanto à equipe masculina, elas também compõem a equipe principal de sua categoria. E assistindo às mídias televisivas sobre esporte não parece que essa seja uma exigência a equipe principal masculina. Não posso afirmar que essa cobrança especificamente tem a ver com gênero e com uma preocupação em manter padrões de feminilidade, mas não me parece uma cobrança nos dois lados.

Assim sendo, parece que as jogadoras não têm muita preocupação em reproduzir os estereótipos tradicionais de gênero no que se refere à estética, mas acredito que isso acontece porque o trabalho delas consiste em constante preparação física que acaba construindo um corpo que, de certa forma, está dentro dos padrões de beleza<sup>9</sup>. A preocupação está mais em garantir que o corpo seja o mais produtivo para o futebol, portanto tem muito trabalho físico ligado à alimentação. Sobre isso, a jogadora Ananda reflete:

Da minha parte nunca houve uma preocupação estética, sempre quis estar bem para render mais, mas era uma coisa automática, talvez eu nunca tenha me preocupado porque eu realmente treinava muito, então meu corpo tava bem trabalhado pro que eu fazia.

Algumas correntes modernas da antropologia se ocupam em estabelecer uma discussão referente ao questionamento da separação, usualmente comum, entre mente e corpo. Portanto, essas correntes tratam do corpo e da mente como algo que não pode ser pensado separadamente. Se considerarmos isso, o desempenho de um atleta, portanto, não está condicionado unicamente pelo seu preparo e condicionamento físico, mas também pelas condições psicológicas em que se encontra. Sobre isso, a atleta Tetê trouxe um discurso bem interessante quando perguntada sobre como ela fazia pra preparar seu corpo pra o futebol: “Tem que preparar muito psicologicamente né? Porque a gente passa por cada coisa... e é muito difícil lidar. Tem que ter um psicológico muito bom pra aguentar e sofrer e passar tudo que tu passa no futebol, sabe?”. A atleta se referia à saudade da família, que mora em outro estado, e aos desafios que passou devido ao preconceito com o futebol: “Ninguém apoia o futebol feminino. É muito desvalorizado, muita desigualdade com o masculino”.

Desde modo, o que pude perceber é uma preocupação secundária por parte das jogadoras com a aparência que apresentam no campo. Para elas, o foco está em trabalhar o corpo para atingir sua máxima capacidade física. Ao mesmo tempo, não mencionaram haver algum incentivo explícito dos clubes para que desenvolvessem feminilidade. É claro que questões como essas são muito sutis de serem captadas. Contudo, como já disse antes, não é meu interesse nesse trabalho avaliar a interferência dos clubes nos corpos das jogadoras, mas sim seus discursos e percepções sobre ele.

---

<sup>9</sup>Digo de certa forma, pois os padrões de beleza para as mulheres são muito específicos. Principalmente no futebol de mulheres, que historicamente passou por períodos de proibição sob a justificativa de preocupação quanto à masculinização dos corpos “femininos”. Ou seja, a mulher pode ser atleta, desde que seu corpo corresponda, na medida certa, à feminilidade tradicional.

Nessa parte do texto, conceitos como feminilidade e masculinidade surgiram nos discursos das entrevistadas. Por isso, a próxima seção se encarrega de discutir um pouco mais a fundo esses e outros conceitos relacionados a corpo, gênero e sexualidade a partir dos discursos elaborados pelas jogadoras e suas percepções acerca do tema.

### **3.3 A performatividade do corpo da mulher que joga futebol**

Os relatos das jogadoras expõem os ranços históricos de uma sociedade estruturada em valores conservadores e patriarcais. O afastamento de mulheres do esporte foi sustentado através de ideias que essencializam as diferenças entre os sexos e inscreve o corpo no campo da natureza. Ou seja, as características referentes ao masculino e feminino são consideradas inatas à natureza biológica do corpo do homem e da mulher. Esse argumento foi construído quando o corpo passou ser objeto de estudo da medicina que se dedicou a entender sua morfologia, aparência e funcionalidade dividindo os corpos em dois sexos opostos. Sustentado pelo determinismo biológico, políticas classificatórias hierarquizaram, ao longo da história, indivíduos e grupos. Entende-se, então, que as “normas comportamentais compartilhadas, bem como as diferenças sociais e existentes entre os grupos humanos – principalmente de raça, classe e sexo – derivam de distinções herdadas e inatas” (Gould, 1999, p. 4). A desigualdade no futebol entre homens e mulheres, portanto, existe no contexto em que os discursos sobre os corpos presumem a naturalização de uma essência masculina e/ou feminina imutável.

A realidade do futebol de mulheres é reflexo do significado social em que seus corpos são inscritos. A feminilidade pressupõe elementos delicados, frágeis, emocionais e de submissão que não são correspondentes à realidade das quatro linhas do gramado, na qual exige características consideradas essencialmente masculinas, como competição, agressividade, racionalidade e força. Dessa maneira, a mulher que joga futebol é entendida como ocupando um espaço que não é seu por “natureza”, pois seu corpo não se enquadra ao que é esperado para um esporte de contato. Conforme Kessler (2015, p. 40),

As masculinidades e feminilidades são visíveis nos signos ligados à estética ou aos corpos, estando presentes em práticas relacionais. As jogadoras que adentram a determinadas áreas esportivas são geralmente percebidas como



masculinas e consideradas como o oposto do que se esperaria socialmente de uma mulher.

O estranhamento das práticas corporais no esporte protagonizadas por corpos “femininos” pode ser entendido pela ideia de que o futebol brasileiro é um meio de expressões e constituições de masculinidades. Mesmo assim, o futebol de homens apresenta certa mobilidade ao que diz respeito a masculinidades alternativas no momento em que aceita jogadores que cuidem da aparência através de técnicas de embelezamento e utilizem acessórios coloridos e extravagantes dentro e fora do campo de futebol. Contudo, essas múltiplas masculinidades nunca se aproximam o suficiente do feminino ao ponto de por em risco a masculinidade hegemônica<sup>10</sup> (Kessler, 2015).

Connell e Messerschmidt (2013, p. 250) vão além do que já havia sido produzido sobre o tema ao afirmar que as práticas de corpos de mulheres também podem reproduzir masculinidades. Isso porque:

O que distancia o conceito do essencialismo é o fato de que pesquisadores exploraram as masculinidades postas em ato por pessoas com corpos femininos. A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular.

Os autores entendem que a masculinidade não é essencialmente biológica nem está contida em traços de personalidade inata aos homens, mas sim, nas práticas dos sujeitos. Essa ideia demonstra que as características físicas e anatômicas na verdade são culturalmente mediadas, desnaturalizando, assim, o sexo. Nesse sentido, as performances das atletas em campo podem desafiar os padrões tradicionais de gênero quando apresentam feminilidades alternativas e o esporte pode desestabilizar as representações de gênero socialmente construídas (Goellner, 2016).

Para Goellner (2006), a ideia de masculinizar ou feminilizar um sujeito social só faz sentido através de uma definição binária dos gêneros que torna fixas as identidades

---

<sup>10</sup>Kimmel (1998) percebe que em nossa sociedade existe a imposição de um ideal de masculinidade hegemônica que se cria a partir da negação e desvalorização de outras masculinidades que vão adquirindo o caráter de subalternas. Assim, o hegemônico e o subalterno emergem simultaneamente em desigual posição social e econômica nas definições de gênero. A masculinidade hegemônica, dessa forma, é representada pelo homem branco, heterossexual, de classe alta e jovem, portanto, todas as outras possibilidades de representação dos corpos adquirem o status de subalternas.

individuais. A masculinização das mulheres no universo do futebol só pode ser compreendida a partir de uma lógica essencialista dos gêneros e, o esporte, nesse sentido, é entendido como um espaço de produção de corpos generificados, em que:

[...] admitir ser o futebol um esporte masculino e que, quando jogado pelas mulheres, deve se realizar de forma a evitar que sejam transpostos alguns limites culturalmente construídos e identificados como inerentes a cada gênero. Assim, se o futebol não pode masculinizar deve, no sentido inverso, reforçar sua feminilização (Goellner, 2005, p.6).

Nesse sentido, algumas jogadoras com as quais conversei compartilharam experiências que exemplificam o discurso da autora. Os limites entre o masculino e o feminino são apresentados de forma bem demarcada por aqueles que cobram performances específicas, manifestadas pelo corpo, geralmente por práticas comportamentais ou roupas e estilo. Uma das atletas conta sobre sua experiência com treinadores que ilustra o entendimento deles a respeito das significações do feminino e masculino:

Já peguei treinadores que falavam pra gente que o futebol feminino não vai pra frente por causa de atletas. Porque atletas tão jogando futebol feminino, não masculino, então elas têm que se vestir como meninas. Elas não podem raspar o cabelo, fazer o cabelo que nem o do Neymar. Meninas com o cabelo cortado que nem o do Neymar não iam jogar no time dela [treinadora].

A opinião da treinadora é bastante comum na constituição da história do futebol de mulheres e reflete o descontentamento com o tensionamento de práticas tradicionais consideradas essencialmente femininas. Para Butler (2001), a performance é a repetição intencional de atos, gestos e signos, do campo cultural, que reforçam a construção de corpos femininos e masculinos como essencialmente naturais. Seria através da constante afirmação e reafirmação da performance corporal que a matriz heterossexual estaria assegurada em uma falsa estabilidade de dois sexos fixos e opostos.

Mulheres que jogam futebol, mesmo estando no meio do esporte, devem se comportar, agir, ou em outras palavras, devem performar o que socialmente se entende como natural do sexo feminino. Espera-se que se repita o que se entende como sendo “feminino”, seja através de uma postura delicada, vestindo-se como mulheres, ou mantendo um corte de cabelo “feminino”, como é a ideia relatada pela jogadora. Quando isso não acontece, surge uma confusão nas formas de entender a performance das atletas, pois elas acabam não sendo

completamente inteligíveis dentro dos signos da matriz cultural, uma vez que os atos performados pelas atletas não condizem com o que é esperado para a natureza de seu corpo, contrariando, dessa forma, a norma hegemônica de feminilidade, ao se aproximar de performances consideradas masculinas. Inclusive, por performarem corpos fora da norma esperada, são constrangidas, sofrendo ameaças de exclusão do time. Esse repúdio é reproduzido através de um discurso de que mulheres que apresentam seus corpos assim no meio do futebol são a causa da desvalorização do esporte e, portanto, tirá-las desse meio proporcionaria um avanço da categoria no país.

Talvez por ter participado de uma época menos recente do futebol de mulheres, em que o esporte era menos valorizado que nos dias de hoje, a jogadora Ananda expõe uma opinião parecida com a citada anteriormente. Além do fator cultural que põe homens e mulheres em situações desiguais, ela entende a performance masculinizada de algumas jogadoras como um dos motivos da desvalorização da categoria. Sobre a forma como as jogadoras se apresentam esteticamente ser relevante para o futebol ser considerado um esporte masculino, ela afirma:

Eu acho que a estética e a forma como elas [as jogadoras] se apresentam [tem a ver] um pouco, mas eu acho que o que mais tem a ver é a forma como elas se comportam. Realmente no começo, acho que o nosso comportamento atrapalhou bastante, assim, a evolução do nosso esporte.

A maioria das atletas entendem comportamentos masculinizados principalmente a partir da forma com a qual as jogadoras se vestem. Na opinião de Ananda, por exemplo, quando questionei o que seria para ela esses comportamentos que impediram o futebol de mulheres de evoluir, ela respondeu: “Eu acho que há um tempo atrás a gente queria se vestir da mesma forma que os homens. A gente achava que tinha que usar o mesmo tipo de roupa que os homens pra tentar jogar futebol”. A fala da atleta propõe pensar que as jogadoras que praticam futebol estão entrando em um campo de domínio masculino e para conquistar espaço as performances referentes à qualidade técnica em campo, desde o início da prática esportiva, foram estimuladas a se assemelhar ao desempenho masculino e o estilo acabou sendo influenciado também. Contudo, as performances masculinas em corpos femininos são condenadas pela jogadora. Dessa forma, exemplificam o que já foi proposto por Kessler (2015, p. 295) que: “Ter os homens como referencial de performance é algo inquestionável, porém, ‘copiá-los’ em termos de comportamentos ou expressões corporais ‘mais masculinas’

é algo desaconselhado em termos de uma boa aceitação social”. Já, o depoimento da jogadora Tetê segue o caminho oposto, considerando o verdadeiro pertencimento de uma pessoa ao futebol associado à performance masculinizada, representada pelo uso de roupas do vestuário masculino. Ela diz:

Quem é boleira, boleira mesmo, se veste que nem se veste um guri. Porque tipo, tu nunca vai ver uma guria que joga futebol vindo pra um treino de shortinho e blusinha. Não. Vai vim largadona, calção e camiseta.

Mas isso não significa que as mulheres no futebol apenas performem feminilidades não hegemônicas. A jogadora Fernandinha conta que: “Se tu entrar no nosso vestiário antes dos jogos, as meninas tão se maquiando algumas pra jogar, algumas tão passando creme, tão passando perfume, então têm uma vaidade maior”. Ao mesmo tempo em que percebemos performances de mulheres que se assemelham mais ao que é considerado masculino, percebemos também aquelas que performam uma feminilidade tradicional através de maquiagens, uso de hidratantes e perfumes antes da partida de futebol. Essa preocupação parece remeter a uma necessidade em ressaltar a feminilidade, ao mesmo tempo em que se busca o distanciamento do que é considerado masculino representado nessa situação como odores fortes e falta de cuidado com a aparência. Dessa forma, a feminilidade é marcada nesse espaço, através da reiteração de práticas, condutas e gestualidades (Butler, 2001).

Por outro lado, Lauren propõe uma reflexão sobre o que é considerado feminino e masculino no esporte bem como a identificação de sua própria feminilidade associada à forma de se vestir:

Eu sou uma pessoa que sou muito feminina, mas eu sou esportista. Eu não sou aquela feminina né, ultra, mega feminina, assim. Mas eu tenho meu estilo esportista. Mas a sociedade dá um padrão de feminino e masculino que no feminino a mulher não vai usar bermuda grande, não vai usar camiseta grande. E dentro do futebol feminino cada uma se veste de uma maneira, mas eu vejo uma maneira de se vestir mais esportista do que feminina. A gente não põe saia. É muito difícil a gente colocar uma saia, vestido. Eu não vejo as gurias pelo menos colocando isso.

Lauren externa o entendimento de que existem padrões hegemônicos de feminilidade e masculinidade – mesmo não utilizando esses termos - e localiza seu corpo e performatividade entre os dois pólos que parece identificar como existentes. Identifica-se enquanto uma mulher

esportista, portanto, não é completamente “feminina”. Ou seja, não performa a feminilidade de uma forma estereotipada, vestindo roupas justas, saias e vestidos. Mas também não se identifica com a performance masculina caracterizada por ela como o uso de roupas largas. Mesmo assim, sua opinião mostra que seu entendimento sobre feminino e masculino está expresso pela forma como as pessoas se vestem. Em outro momento ela especifica o que seria a expressão de masculinidade de suas colegas de time:

Tipo usar bermuda, eu não usaria bermuda. Eu acho muito masculino usar aqueles bermudões. Ou tipo, usar aquelas calças *boyfriend*<sup>11</sup>. Enfim, mas são coisas que eu vejo que as gurias usam muita roupa de homem, não usam roupa de mulher, que a moda faz para mulher. São coisas que são feitas para homens e as gurias acabam usando.

As opiniões das jogadoras, num geral, se aproximam muito quando a questão que se refere são as ideias sobre masculinidade, feminilidade e a estética no que diz respeito às expressões de seus corpos. O corpo não é apenas construto biológico, mas também resultado da linguagem e do poder (Fausto-Sterling, 2001). Dessa forma, o corpo se expressa politicamente. E os corpos das atletas e suas percepções sobre eles são permeados por discursos políticos que marcam as diferenças sexuais. Ainda assim, suas práticas corporais podem reescrever a feminilidade heteronormativa, conforme Kessler (2015, p.36), “expondo protagonismos presentes nos corpos e subjetividades, ocultados pela mídia tradicional e de pouco conhecimento do público em geral”. Quando é dada continuidade a esse debate, o tema da sexualidade surge de forma espontânea nos discursos das atletas, que constantemente associam as performances consideradas masculinizadas no futebol de mulheres à sexualidade. É sobre esse assunto que a próxima seção do capítulo irá discutir.

### **3.4 Os conflitos entre gênero e sexualidade**

Não se pode negar que desde os primórdios do futebol de mulheres as atletas foram questionadas quanto a sua sexualidade. A mídia se interessou em veicular uma imagem

---

<sup>11</sup>A calça *boyfriend* é uma peça de roupa considerada mais confortável por ser larga e folgada. Leva esse nome por ser bastante parecida com as peças do vestuário masculino.

heteronormativa<sup>12</sup> e feminilizada dos corpos das atletas com a intenção de tornar o futebol de mulheres um esporte atrativo e, portanto, vendável nos padrões hegemônicos do futebol espetacular (Salvini; Souza; Junior, 2015). Dessa maneira, a mulher que reproduz uma performatividade não hegemônica e não corresponde a um ideal heteronormativo sofre as consequências do estigma desse papel na sociedade.

As jogadoras entrevistadas circulam entre diversos espaços do futebol, desde partidas que se aproximam muito às da várzea, treinamentos em clubes com estrutura de alto nível, até participação em campeonatos internacionais representando a Seleção Brasileira. Esse trânsito nos mais diversos espaços produzem uma série de experiências compartilhadas que enriquecem seus discursos e perspectivas sobre os assuntos que as rodeiam. Para dialogar com elas, introduzir a questão da estética nas conversas com as jogadoras foi uma estratégia pensada com o objetivo de suscitar diálogos sobre assuntos referente ao corpo que se queria abordar para essa pesquisa, como os conceitos de feminilidade, masculinidade, performance e sexualidade, porém, sem mencionar diretamente esses conceitos. Sobre a ideia de utilizar a estética para estimular debates, Kessler (2015, p. 306) entende que:

A estética é um elemento de interessante análise do *futebol de mulheres*. A estética apresentada dentro de campo, devido à corporalidade, é diferente da socialmente esperada. Os quadris mais largos, os cabelos longos e a projeção dos seios conferem diferenças entre o futebol de homens e mulheres. Além disso, a estética está associada também à expressão de gênero e às noções de masculinidade e feminilidade presentes nos grupos.

Sobre isso, uma das entrevistadas considera que a estética das jogadoras contribui para o futebol ser considerado um esporte masculino a partir de um ponto de vista bem interessante: “As pessoas têm preconceito. Elas já têm preconceito que as mulheres jogam. Aí quando elas se vestem diferente, ficam com pessoas do mesmo gênero, aí é mais preconceito ainda”. Tetê demonstra um entendimento consciente sobre as relações de gênero na sociedade em que está inserida. Percebe que se o futebol de mulheres não tem a mesma visibilidade que o de homens é porque, primeiro, a sociedade não aceita a mulher que joga futebol por estar ocupando um lugar de domínio masculino; segundo, o fato de algumas jogadoras não performarem uma feminilidade tradicional no que diz respeito às roupas que usam causa um

---

<sup>12</sup>O termo se refere à “ordem sexual do presente fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero.” (MISKOLCI, 2012, p. 44).

afastamento do público que espera que a performance corresponda ao que é esperado do sexo biológico da atleta; e, terceiro, exprime o caráter homofóbico da sociedade em geral que afasta o público do futebol de mulheres.

O estereótipo das jogadoras lésbicas é evidente no futebol brasileiro. Geralmente estão sustentados no que Meinerz (2011, p.20) chama de “*jeitão*”, definido como a associação da aparência masculinizada de mulheres a determinadas práticas esportivas:

O principal elemento associado ao *jeitão* é o que se define no senso comum como uma aparência *masculinizada*. Essa pode ser identificada através da restrição ao uso de determinadas peças de vestuário convencionadas como femininas, tais como sapato alto, saia, vestido e maquiagem e da preferência por roupas, calçados e acessórios que as interlocutoras definem como confortáveis, cômodos, ou ainda, unissex. Além disso, a afinidade com determinadas práticas esportivas, especialmente o futebol, assim como a responsabilização pela própria manutenção financeira através da inserção laboral possibilita um afastamento dessas mulheres em relação à esfera doméstica e às expectativas de casamento e maternidade.

Outras jogadoras com as quais conversei associam a forma de se vestir de certas atletas as suas orientações sexuais, exemplificando a ideia de “*jeitão*”. Sobre o estilo característico do futebol de mulheres, Lauren comenta: “Acho que aí entra um pouco da sexualidade também. Quem é heterossexual no nosso grupo se veste de uma maneira e quem é homossexual se veste de outra maneira e aí eu acho que isso é uma coisa que influencia no modo de se vestir”. Outra jogadora, Tetê, entende que a forma de expressar a masculinidade é através, além das vestimentas, da orientação sexual também. Nesse sentido ela argumenta: “Se veste mais masculina assim quem geralmente fica com a pessoa do mesmo sexo. As meninas héteros não vão se vestir ‘bolragem’ quem nem as outras gurias, entendeu? Teria mais a ver com a orientação sexual e a forma de se vestir”. Os relatos aqui apresentados demonstram a confusão que é causada quando não há uma correspondência entre sexo, gênero e orientação sexual.

Butler (2017) problematiza o binarismo de gênero existente na sociedade que considera dois únicos sexos opostos e complementares, pretendendo demonstrar que na verdade o sexo, também é um construto social. Segundo a autora, estamos diante de uma “ordem compulsória” que reivindica uma coerência total entre um sexo biológico, um gênero e uma orientação sexual que são obrigatoriamente heterossexuais. No futebol de mulheres, essa ordem exposta pela autora é expressa através da não valorização histórica da categoria,

justificada pelas performances masculinizadas e não heterossexuais das atletas. Em outras palavras: “A analogia entre a prática do futebol feminino e a identidade sexual da atleta explica-se por meio da má compreensão sobre os significados de identidade de gênero e identidade sexual” (Batista; Deive, 2009, p. 7).

Já nos depoimentos das jogadoras, acontece algo interessante. O que se ressalta é como elas interpretam essa continuidade do indivíduo, em termos de sexo biológico, gênero e orientação sexual: o sexo biológico é entendido como feminino, logo, é esperado que sua performance corresponda ao “seu” gênero, o que não acontece quando as mulheres se comportam e se vestem de forma masculinizada. Assim, o gênero é interpretado como não estando em correspondência ao seu sexo. O que as leva entender que mulheres que apresentam performances consideradas mais masculinas seriam necessariamente lésbicas.

O discurso das futebolistas associa a sexualidade às performances. Talvez pelo mesmo motivo que geralmente se associa uma atitude entendida como feminina à heterossexualidade. Isso acontece porque a “ordem compulsória” é sustentada e mantida através de discursos, práticas regulatórias e a constante repetição de atos, signos e gestos (performance) que fazem sentido em uma matriz cultural, podendo ser identificada pelos significados possíveis existentes das normas de inteligibilidade cultural (Butler, 2017; 2001). Essa ideia propõe pensar que até mesmo nas sexualidades alternativas existe uma certa norma de inteligibilidade cultural. Uma mulher lésbica pode parecer subverter a norma heterossexual, mas ao mesmo tempo pode estar reforçando uma norma homossexual que pressupõe certas práticas corporais. Nesse caso, mulheres que performam masculinidades são questionadas quanto a sua sexualidade pela existência de um estereótipo que associa sexualidade à performance de gênero.

Dessa forma, os relatos dados pelas atletas mostram que as mulheres que jogam futebol, de alguma forma, cruzam a fronteira da identidade de gênero, ocupando uma área masculina e causando uma confusão na correspondência entre sexo, gênero e orientação sexual (Goellner, 2005). Entretanto, qualquer tipo de desvio dessa norma é alvo de estigmatização e preconceito. Quando as atletas, portanto, não correspondem a essa ordem compulsória, acabam sofrendo retaliações seja pelo clube, pelo público, ou a mídia esportiva.

As ideias de Butler apresentadas nesse trabalho estão exemplificadas, de certa forma, no relato da jogadora Fernandinha que compreende a associação expressa pela cultura entre



sexo, gênero e orientação sexual. Segundo ela, os casos de homofobia no futebol de mulheres acontecem com mais frequência, em contraste com o futebol masculino:

Acontece e acontece muito, mas porque o futebol é considerado um esporte de homem então mulher que joga futebol é homem. Por isso acontece bem mais no futebol feminino. A cultura acha que o futebol só serve pro masculino, só homem pode jogar, então se ver a menina jogando, já associa ao masculino.

Quando não há uma correspondência entre sexo, gênero e orientação sexual há dificuldades em relação ao que se poderia chamar de uma inteligibilidade cultural mais comum ou tradicional, ou seja, não se tem os meios discursivos necessários para identificar o/um gênero. Nesse sentido, gêneros inteligíveis são aqueles que “em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (Butler, 2017, p. 43).

Esse não é o caso das atletas que participaram dessa pesquisa. Por mais que as jogadoras entrevistadas percebam a si mesmas ou as companheiras como masculinizadas, a partir de um referencial baseado na forma de se vestir ou em relação à sexualidade, e mesmo que as performances possam se aproximar do que é comumente associado ao masculino, nunca é o suficiente para que o gênero das atletas masculinizadas se torne inteligível tanto para a sociedade em geral quanto para as jogadoras que foram entrevistadas. Ou seja, algumas jogadoras podem performar o que é considerado como essencialmente masculino, através de roupas, comportamentos ou até mesmo orientação sexual, mas essas atletas ainda constituem uma equipe “feminina” de futebol que está inserida, de certa forma, numa lógica comercial do esporte espetacular que pretende garantir que o futebol de mulheres seja “agradável” a quem vai consumir. E mesmo que suas práticas corporais não correspondam a uma heteronormatividade, ainda são lidas socialmente como mulheres. Mesmo que fora dos padrões convencionais de feminilidade. Isso porque, os sexos são entendidos a partir de uma lógica “natural” e binária que deveria marcar os corpos desde o nascimento. Portanto, se o sexo de nascimento é o feminino, o gênero deveria correspondê-lo.

Ainda assim, quando a performance das atletas não correspondem ao que é esperado socialmente delas, sofrem preconceitos e carregam os estigmas de uma feminilidade não tradicional. Sobre isso, inicialmente, a jogadora Tetê hesita em reconhecer as situações que já passou:

Eu nunca sofri [preconceito]. Mas já vieram me falar assim na cara, mas não chegar a bater sabe. Eu jogo futebol e fico com meninas, né? Foi quando eu morava em [uma cidade de Santa Catarina]. Foi até meu treinador lá. Ele descobriu que deu uns negocio lá e ele veio me xingar, falar na minha cara que não era mais pra eu fazer isso [ficar com meninas]. Que isso não era certo, que eu ia ser mandada embora [do clube].

A primeira coisa que chama atenção no relato da Tetê é ela não identificar de imediato que a situação que ela relata foi preconceituosa. Ela comenta nunca ter sofrido preconceito, nem presenciado, mas em seguida relata uma situação de violência sobre sua sexualidade. A segunda coisa que salta aos olhos é a ameaça que as jogadoras recebem quando expressam sexualidades alternativas. A sexualidade das mulheres é constantemente reprimida, seja por parte de comentários ofensivos da torcida, seja por cobranças das equipes técnicas. Nesse sentido, Kessler (2015, p.294) considera que “revelar uma sexualidade não normativa é algo perigoso”, pois as jogadoras que ganham visibilidade, com carreiras profissionais e atuações em Seleção Brasileira e grandes clubes, podem acabar se tornando exemplos para as jogadoras mais novas, que estão em busca de reconhecimento.

### **3.5 Querendo reconhecimento e visibilidade**

Mesmo que o enfoque dessa pesquisa não tenha sido o debate sobre o preconceito e a falta de visibilidade do futebol de mulheres, trazer esse assunto à tona acabou sendo inevitável. Isso porque, como visto anteriormente, os fatores que marcaram a falta de investimento e invisibilizaram durante anos o futebol de mulheres tem relação direta com as práticas corporais, expressões de gênero e sexualidade. Se isso não bastasse como justificativa, as jogadoras expressaram diversas vezes nas conversas que tive com elas a vontade de falar sobre a desvalorização do seu trabalho.

Sobre a atenção que se dá a esse assunto, Kessler (2015) propõe outra forma de se pensar o futebol de mulheres para além do marcador da invisibilidade ao qual é constantemente associado pelas mídias esportivas e pesquisas sobre o tema. Faz isso ao sugerir o desvinculamento do futebol de mulheres com o esporte espetacular. Sua proposta parte da indagação dos recorrentes “discursos das ausências”, identificados como aqueles que reproduzem ideias que acabam vitimizando um grupo que não se enquadra nos padrões

masculinos de um futebol espetacularizado, que é aquele que gera lucro e, conseqüentemente, visibilidade. Assim,

[...] mesmo com as mudanças existentes no *futebol de mulheres*, o “discurso das ausências” ainda persiste, limitando a visão sobre os ganhos já conquistados e focando nas carências em comparação à matriz espetacular futebolística dos homens (KESSLER, 2015, pg. 59).

Em outras palavras, ela propõe um questionamento do funcionamento da matriz espetacular do futebol e da comparação que se faz entre as duas modalidades sempre referindo à necessidade do futebol de mulheres precisar se enquadrar em certos parâmetros para ser reconhecido e visibilizado. A discussão que a autora traz é construída numa base sólida de informações e pesquisas e não é meu interesse aqui discutir a crítica levantada por ela. Trago essa reflexão para apresentar a repetição de discursos que presenciei especificamente com as jogadoras que entrevistei sobre seus interesses em conquistar o sucesso profissional no futebol espetacularizado como demonstra Priscila: “Eu acho que o objetivo, assim, é se tornar uma pessoa conhecida, reconhecida, ajudar o futebol feminino a ser reconhecido, porque ele é pouco valorizado, perto do que podia ser”. Essa mesma jogadora explica que para atingir seu objetivo, o futebol de mulheres precisa ser visibilizado e isso depende de diversos fatores que incluem agentes poderosos no meio do futebol:

Eu acho que começa desde os caras lá em cima, CBF, Comenbol, que são os que mais organizam os campeonatos. Por exemplo, esse ano foi criado o brasileiro, serie A e serie B do feminino. Só que eles tiraram a Copa do Brasil. Então eles fizeram um campeonato e tiraram outro. Aí acabou o brasileiro e vai ter o que? As equipes vão manter a equipe durante o ano pra que? Então, é dinheiro gasto, bem dizer. Aí as pessoas não apoiam porque só tem um campeonato. E depois desse campeonato? Vai aparecer meu nome onde? Entendeu? Então as empresas também não apoiam por causa disso. Aí os times maiores não têm time feminino porque não tem campeonato. Depois, parte de a sociedade ter esse negócio, essa cultura que menina não joga futebol. Aí também tem a falta de incentivo né. Aí também começa a falta do salário. Se tu pegar o que o Neymar ganha e o que a Marta ganha, não tem nem comparação. Então tem N fatores que tornam isso.

A palavra cultura aparece no relato da atleta como forma de entender a sociedade e isso acabou se repetindo em todas as conversas que tive com as entrevistadas. A futebolistas percebem que as desigualdades entre homens e mulheres se repetem nos mais diversos

espaços sociais. O futebol é mais um deles, como manifesta uma delas: “Porque o Brasil é meio machista ainda, não só no futebol feminino, mas pra geral assim, sabe?”. Assim, o que o público espera do futebol de mulheres geralmente condiz com o que é esperado culturalmente das mulheres.

A atleta Ananda conta que o esperado pelo público que acompanha o futebol de mulheres depende do tipo de público, mas “Com certeza há um tempo atrás era uma coisa que quase ninguém ia aos estádios porque muitas [atletas] tinham o cabelo curto, muitas se vestiam como meninos e isso prejudicou bastante”. Fernandinha que assistiu uma final de campeonato de seu time na arquibancada conta que escutou de alguns torcedores comentários sobre a aparência das jogadoras que estavam em campo, como: “Ai olha como elas são lindas. Nossa olha aquela ali, é um pouco gordinha. Olha essa dali, é bem bonita, é loira. Tipo, eles não dão muito valor ao nosso futebol, mas sim a nossa beleza e as nossas atitudes, entendeu?”.

O descontentamento expresso através dos relatos das jogadoras demonstra que o esperado por uma parte do público é que as performances desempenhadas pelas jogadoras correspondam ao que é tradicionalmente esperado de uma mulher. Ou seja, se o público está indo assistir a uma partida de futebol protagonizado por corpos do sexo feminino, espera-se que suas práticas corporais sejam condizentes aos discursos que produzem esses corpos. Ao mesmo tempo, representa a sexualização do corpo “feminino” como forma de entretenimento masculino, de forma que, de acordo com Kessler (2015, p.49): “Embora pratiquem um futebol com as mesmas regras dos homens, pode-se pressupor que a sua produção seja feita por corpos diferentes e produza um resultado diferente. Essa diferença, entretanto, é geralmente valorizada na sexualização do corpo ‘feminino’”.

Os assédios e violências que a jogadoras sofrem dentro e fora de campo sempre têm a ver com o gênero ou sexualidade. Os insultos são utilizados como forma de desestabilizar a performance das atletas, transformando seus corpos em objeto sexual ou referindo-as a funções que são ditas femininas como forma de ofensa. Nesse sentido, Fernandinha comenta:

Eu acho que não é só nem agressão, só de comentar: ‘ah tu é muito bonitinha, sai daí tu não joga bola, tinha que ser modelo’. Essas coisas aí escuta toda hora, tipo: ‘sai daí tu não pode joga futebol porque futebol não dá dinheiro, vai cuida de uma casa, vai ser mãe, não sei o que’. Isso a gente escuta o tempo inteiro.

Lauren conta sobre experiências que passou em campo e expõe outras formas de desestabilizar o futebol de mulheres que não apenas pelo xingamento, mas percebe a relação entre o que é reproduzido no futebol e o que se repete na sociedade em geral. Segundo ela:

Ah, se a gente tá jogando é ‘vai sua gostosa’. Coisas que qualquer mulher escuta na rua, também a gente escuta dentro de campo. No estádio a gente escuta direto. Ou se é sapatão, aí grita que é sapatão. Dentro do clube também, tudo é valorizado pra homem né. Se o masculino vai jogar, o feminino não vai jogar. Então isso também é uma forma de valorizar o homem e não nós. Não é igual né. Nada é igual. A gente sempre tem que depender deles pra gente fazer nossas coisas depois.

A pessoa que está proferindo xingamentos às jogadoras quanto a sua sexualidade está vendo e lendo os códigos inscritos no discurso que identificam os gêneros e, conseqüentemente, fazendo uma associação entre sexo, gênero e orientação, por isso pressupõe que a jogadora é lésbica se sua performance é masculinizada. A pressuposição, ou seja, esse xingamento está exatamente reificando, reencenando, recitando, a norma.

Perguntei a todas as atletas que conversei se elas haviam passado alguma situação de violência ou preconceito por ser uma mulher que joga futebol e o impressionante é que a primeira resposta delas era negativa. Depois elas pensavam por alguns segundos e me contavam alguma situação que aconteceu com elas ou presenciaram com outras atletas. O fato de a negação ser a primeira resposta me faz supor que os assédio e ofensas a seus corpos nos meios esportivos são tão corriqueiros que acabam sendo naturalizados pelas jogadoras. Como uma delas, Lauren, afirma: “Violência verbal acho que todo mundo escuta, eu escuto, as gurias escutam”. Essas situações são tão incorporadas pelas atletas que não é reconhecido por elas como uma violência, porém acabam sendo denunciadas nas narrativas pelos exemplos. A norma, nesse sentido, é incorporada e naturalizada nos discursos das jogadoras.

#### 4. Considerações finais

O discurso presente na narrativa das jogadoras confirma o que a história do futebol de mulheres conta sobre a inserção da mulher em determinadas práticas esportivas. Por mais que cada uma das atletas entrevistadas apresentem trajetórias singulares, com caminhos sinuosos até chegar ao futebol profissional, o ponto em que suas histórias convergem é na dificuldade em ter clubes onde jogar no início das suas carreiras. Foi a partir de muita persistência e insistência que elas conseguiram se tornar bem sucedidas no esporte que praticam.

Tanto insistiram e trabalharam para alcançar o aperfeiçoamento no futebol que hoje são atletas profissionais. O corpo como foco de análise, no futebol de mulheres, possibilita pensar quais os limites e possibilidades de interpretação que ele pode carregar para as atletas. Se por um lado, ao longo da história, o corpo da mulher no esporte foi desvalorizado em relação à qualidade técnica, sexualizado para consumo masculino e estimado para a reprodução, por outro lado, as jogadoras entendem seus corpos como forma de ascender profissionalmente aumentando, a partir do cuidado com o corpo, seu desempenho atlético.

Os discursos proferidos pelas atletas mostram que a maior preocupação em relação a seus corpos não se pauta numa questão considerada superficial como a da estética; ao contrário dos discursos recorrentes dos meios de comunicação esportiva que exaltam a beleza em detrimento da qualidade técnica das atletas. Portanto, o que o relato das atletas demonstra é o cuidado com a estética, a forma de se apresentarem e os cuidados com a beleza serem um aspecto secundário a ser valorizado por elas. O que se sobressai é a atenção aos seus corpos estarem preparados para o rendimento que é exigido dentro das quatro linhas. A preparação dos corpos para o esporte é construída a partir de um trabalho a longo prazo, que combina cuidados com alimentação, preparação física e evitar lesões, num trabalho conjunto entre atletas e clube.

As mulheres que participam desse meio expressam suas vontades e desejos de diferentes maneiras, às vezes reproduzindo padrões tradicionais de feminilidade, outras performando feminilidades não hegemônicas e sexualidades alternativas. Por isso, nessa pesquisa, o conceito de performance proposto por Judith Butler (2001) foi essencial para entender os processos de construção do gênero no futebol de mulheres, pois o conceito se tornou um instrumento de análise que possibilitou interpretar as nuances dos discursos

reproduzidos pelas atletas sobre o corpo, gênero e sexualidade em uma realidade que incentiva performances tradicionais das jogadoras sob a justificativa de visibilizar o próprio futebol de mulheres.

A história do futebol de mulheres foi condicionada por conceitos de feminilidade e masculinidade específicas que inscreveram os corpos das jogadoras em determinados papéis a serem cumpridos, ao mesmo tempo em que foram fator de exclusão em determinados espaços. O futebol de mulheres é um universo em que se encontram formas diversas das atletas performarem seus corpos, e quando as práticas corporais das atletas não correspondem ao que é esperado referente ao que seria a essência de seu sexo biológico, as normas para compreender os gêneros tornam-se confusas. Essa perspectiva está presente nos discursos das jogadoras com as quais conversei, ao expressarem suas ideias de que “ser masculina” estaria ligado ao fato de, principalmente, utilizar roupas masculinas. Contudo, apesar da recorrência dessa noção, não significa que o futebol seja um espaço exclusivo de performances masculinizadas. Na verdade, parece haver grandes possibilidades de diversas performances corporais nesse espaço.

As jogadoras repetidamente associaram as expressões de masculinidades identificadas em suas colegas ou nelas mesmas à sexualidade. A performatividade masculina é entendida pelas próprias jogadoras como algo acentuado em mulheres lésbicas que jogam futebol. Isso remete de maneira central às discussões propostas por Butler (2017) sobre a necessidade de problematizar a norma heterossexual recorrente em nossa sociedade que pressupõe uma correspondência necessária entre sexo, gênero e orientação sexual. Se alguma das categorias não corresponde às normas heterossexuais, torna-se confuso identificar e localizar aquele corpo (em suas performances de gênero e sexualidade) em determinados espaços. Dessa forma, pode explicar-se a analogia entre a prática do futebol de mulheres e a orientação sexual lésbica pela falta de compreensão das possibilidades existentes nos corpos humanos no que diz respeito às performances e orientações sexuais. A partir daí se pressupõe e se reproduzem estereótipos ligados ao gênero e à sexualidade. O desvio da norma sexual acaba se tornando motivo de preconceito e invisibilidade.

As jogadoras reconhecem que os motivos de desvalorização do futebol de mulheres são relacionados ao que elas entendem como sendo consequência da cultura da sociedade em que estão inseridas. Os xingamentos que recebem em campo por parte do público

repetidamente se referem a seus corpos estarem inseridos em um espaço que socialmente é constituído como masculino e que desempenha funções não coerentes com o que seria essencialmente considerado feminino. Nesse sentido, suas performances e sexualidades são questionadas a todo custo nesse meio.

Mesmo com todos esses fatores, as mulheres nunca deixaram de jogar futebol. Este espaço acabou sendo constituído por corpos que conseguem expressar certa liberdade de performance, coexistindo, no mesmo lugar, diversas possibilidades de ser mulher no futebol. Nesse sentido, mesmo com a dificuldade em certos contextos históricos que atrasaram a categoria no país, o futebol de mulheres pode ser interpretado como um espaço de diversidade que resiste em manter variações de performances de gênero. É um espaço em que as mulheres, de certa forma, conseguem ir contra uma norma heterossexual e de feminilidades tradicionais. Digo de certa forma, pois essas mulheres não chegam a tensionar as relações de gênero o suficiente para não serem mais entendidas como pertencentes ao sexo feminino. Mesmo com nuances, são reconhecidas enquanto mulheres. O que parece incomodar a certas audiências é como esse “ser mulher” pode ser expresso pelo corpo, fora de uma norma tradicional.

Essa pesquisa não pretendeu, inicialmente, se aprofundar nos estudos direcionados às sexualidades das atletas. Contudo, ao longo do percurso uma série de questões instigantes foram sendo produzidas como, por exemplo: Como as atletas lésbicas lidam, manipulam e negociam sua sexualidade num espaço em que a heterossexualidade é incentivada por padrões tradicionais? Como especificamente as jogadoras lésbicas entendem e identificam as performances não tradicionais e sua sexualidade? Nesse sentido, o tema das sexualidades alternativas no futebol de mulheres se apresenta como um caminho rico de análises para seguir.



## Referências bibliográficas:

- BATISTA, Renata S.; DEVIDE, Fabiano P. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. **Revista Digital**, Buenos Aires, número 137, Outubro de 2009.
- BUTLER, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. (org) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2017.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. Esse obscuro objeto da pesquisa – um manual de método, técnicas e teses em Antropologia. Ilha de Santa Catarina, Edição do Autor, 2013.
- CAUDWELL, Jayne. Women’s experiences of sexuality within football contexts: a particular and located footballing epistemology. **Football Studies**, Maroochydore, v. 5, n. 1, p. 24-45, 2002.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.21, n.1, p. 241-282, jan./abr. 2013.
- DA MATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982. p. 19-42.
- FAUSTO-STERLING, A. Dualismo em duelo. *Cadernos Pagu* (17/18) 2001/02: pp.9-79.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328 – 2005
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, abr./jun. 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *Na “Pátria das chuteiras” as mulheres não têm vez*. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**. Florianópolis, UFSC. Disponível em: [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf), Acesso 6 nov. 2006.

- GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, janeiro/fevereiro/março 2016.
- GOULD, Stephen J. *A Falsa Medida do Homem*. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1999.
- KIMMEL, Michael S. 1998 “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. *Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out.: 103-118.
- KESSLER, Cláudia Samuel. “Mais que *barbies* e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos.” **Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2015.
- KNIJNIK JD, Vasconcellos EG. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: Cozac JR, organizador. *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume; 2003. p.73-90.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau; NOVAIS, Fernando A. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-421.
- MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: Um Aprendizado pelas Diferenças*. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.
- MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.
- MOURÃO, Ludimila. As narrativas sobre o futebol feminino. **Ver. Bras. Educ. Fís. Esporte**, (São Paulo) 2016 Abr-Jun; 30(2):303-11

- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero, em Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, vol. 8, nº 2, Brasil, Santa Catarina, 2000, pág. 8-41
- ROHDEN, F. A popularização dos hormônios: verdades científicas ou metáforas para falar de gênero?. In:\_\_\_\_\_ *Dossiê Gênero (fev/2017) Comciência*. 2017.
- SCOTT, Joan. Uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SILVA, Giovana Capucim e. “Futebol Feminino: Proibido para quem? Uma análise de duas reportagens sobre o futebol praticado por mulheres no período anterior a sua regulamentação como esporte”. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2012.
- SILVEIRA, Viviane Teixeira and VAZ, Alexandre Fernandez. **Doping e controle de feminilidade no esporte**. *Cad. Pagu* [online]. 2014, n.42, pp.447-475. ISSN 0104-8333. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420447>.
- SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev. Bras. Cienc. Esp.** São Paulo. v. 30. n. 2. p. 303-11. Abr-Jun. 2016.
- SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano; JÚNIOR, Wanderlei M. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo) 2015 Out-Dez; 29(4):559-69
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

## **Anexo I**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

#### **BLOCO 1: Trajetória pessoal**

1. Conta como tu te interessou pelo futebol e como as pessoas próximas a ti (parentes, amigos) reagiram sobre esse teu interesse.
2. Qual caminho tu percorreu pra chegar até aqui?

#### **BLOCO 2: Trabalho profissional**

3. Conta no que consiste o teu trabalho no futebol.
4. O que tu faz para preparar teu corpo?
5. No teu trabalho há alguma preocupação estética em relação à preparação do corpo?

#### **BLOCO 3: Representação da feminilidade**

6. O que é mais valorizado pelo público no futebol feminino?
7. Na tua opinião, o futebol no Brasil é considerado um esporte masculino? Por quê?
8. Acha que a estética das jogadoras é relevante para isso? E se as gurias fossem mais femininas?
9. No futebol existe uma forma em comum dos jogadores se vestirem, o estilo “boleiro”, tu acha que isso também existe no futebol feminino? De que forma?
10. Tem alguma colega tua que se veste/se comporta de forma mais masculina?(o que seria considerado masculino(roupas, corpo, atitude)?

#### **BLOCO 4: Sexualidade**

11. Na tua opinião, o que é ser mulher no futebol?
12. No futebol masculino há casos de homofobia contra jogadores e torcedores, porque tu acha que isso acontece?
13. Tu acha que isso se repete no futebol feminino? Por quê? Tem a ver com que atitudes das jogadoras?

#### **BLOCO 5: Visibilidade e preconceito**

14. Tu acha que o futebol feminino tem a mesma visibilidade que o futebol masculino? Porquê?
15. Tu sofreu ou conhece alguém que sofreu algum preconceito ou violência no futebol?
16. Esse ato de preconceito/violência teve a ver com o que e quem praticou?